

Heranças de Maio de 1968

José Rodrigues dos Santos¹

Maio de 68: uma crise cultural

A primeira hipótese que me guia ao indagar o que a época actual herda de Maio de 68, é que só podemos ter uma visão razoavelmente lúcida dessa herança se nos perguntarmos primeiro do que é que Maio de 68 é herdeiro. A segunda é que a herança, a grande herança que Maio recebe, é a do surrealismo, do primeiro pós-guerra.

Não proponho nenhuma busca das causas do acontecimento, mas sim realçar o lugar desse movimento no tempo longo da história europeia, e muito particularmente no domínio da cultura. Deixo desde já uma indicação: a Cultura, longe de simplesmente reflectir e acompanhar o movimento económico e social, move-se segundo uma temporalidade própria, ora antecipando, ignorando ou repercutindo décadas mais tarde as mudanças sócio-económicas. Ora, Maio de 68 foi uma *crise cultural*, apesar das importantes *repercussões* que teve no plano social. Para esquematizar, proponho a identificação de um movimento secular, com um ritmo marcado pelos meios-séculos que vão um, de 14-18 a 1968 e o outro, desse ano ao presente.

I. Do que é que Maio de 68 é herdeiro?

1. O Surrealismo e o primeiro meio-século

Identifico o ponto nodal da história das contestações culturais europeias na catástrofe da primeira guerra mundial, durante e depois dela. Por isso, sinto a necessidade de lhe dedicar uma atenção muito especial. É difícil, à distância, medir o estado de *perda do sentido* que assolou a consciência europeia depois do que foi justamente descrito como o suicídio da Europa. A jovem geração que participou ou assistiu de perto à carnificina absurda, desenvolveu um síndrome de recusa radical da própria civilização europeia. Não só das estruturas sociais e políticas, mas sim dos fundamentos da civilização industrial e da cultura que a acompanhava, a ideologia do progresso. Tudo na Europa foi abalado pelo desastre: a Razão, que tinha sido posta ao serviço da organização e da industrialização da mortandade, a Autoridade, obreira dos sacrifícios absurdos exigidos dos soldados de base, a Religião, que tinha revelado a que ponto o plano em que se movia padecia de fundamento no real, a Política e a Democracia incipiente cujas instituições tinham revelado a sua incapacidade para evitar a catástrofe. Uma geração de jovens homens tirava as conclusões que se lhes impunham, depois de se ter visto sacrificada como carne para canhão. Avalia-se em nove milhões de jovens homens o número de mortos nos campos de batalha, e a vinte milhões os jovens homens gravemente feridos e mutilados², nos campos de batalha mais absurdos de toda a história de que a época podia ter memória. Feridos dos quais 9 milhões eram inválidos permanentes. O leitor terá reparado na insistência: jovens homens. Logo veremos o que a justifica. A História oficial realça o papel dos Norte-americanos, estado-unidenses e canadianos na ajuda aos europeus da *Entente* contra os Impérios Centrais autocráticos. Esgotados, de rastos, ao fim de três anos e meio de guerra, ambos os inimigos europeus vacilavam. Os EUA, que tinham enviado pouco mais de cem mil homens para a Europa em 1917, que não combatem, intervêm com dois milhões de soldados na *segunda* metade do último ano da guerra que devastava a Europa havia quatro anos. É verdade: os EUA também

1 Texto redigido a partir da comunicação no Simpósio "Heranças de maio de 68", organizado pela equipa da Revista "A Ideia" em Lisboa, Biblioteca nacional, Outubro de 2024. Publicado em Medeiros, F., Cabeçadas, H., Cabral, M.V., Marques, F.P. e Santos, J.R. dos, Heranças de Maio de 68. Lisboa, Revista A Ideia e Biblioteca Nacional de Portugal 2025: pp. 36-91. This work is funded by national funds through the Foundation for Science and Technology (FCT), under the project UID/00057/2025 - <https://doi.org/10.54499/UID/00057/2025>
Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto UID/00057/2025 <https://doi.org/10.54499/UID/00057/2025>

2 Dos quais 9 milhões eram inválidos permanentes. Pelo menos três milhões jovens homens franceses, quatro milhões de jovens alemães, 1,2 milhões de jovens homens austríacos e do Reino Unido, 0,74 milhões de mortos nos campos de batalha europeus

perderam... 116.516 homens, nas batalhas que tiveram lugar a partir do Verão de 1918. O fosso transatlântico quanto ao trauma da guerra é incomensurável e veremos como se repercute no mundo da cultura. Os impérios europeus explodem. No continente europeu, as reivindicações etno-nacionalistas desenham um novo mapa de conflitualidade local e regional. Subsistem as ilusões coloniais que davam uma aparência de vida aos impérios (francês, britânico, português), aparência que iria desvanecer-se nas décadas seguintes.

(i) Europa: ruínas, futuros roubados

Na velha Europa, foi a própria civilização industrial que destruiu as bases culturais em que assentava (Liberdade, Democracia, Técnica, Progresso, em suma). A braços com a derrocada, na Europa a crítica incidia sobre a própria "civilização europeia", não sobre as diferenças sociais e políticas. Não importa para o caso que os limites exactos de tal objecto ("civilização europeia") sejam inescrutáveis, basta reconhecer nela um foco virtual que é determinado³, embora anexacto. O exame crítico de Spengler tinha ficado, apesar da sua influência duradoura, na esfera cultural reduzida das elites. No "*O declínio do Ocidente*", escrito durante a guerra, de que Spengler publicou em 1918 a primeira parte e em 1922 a segunda, o "Ocidente" não era um processo contínuo e virtualmente infinito mas um *acontecimento singular* na sua forma, no tempo e no espaço⁴. Faço meu esse pensamento e hei-de tentar dele retirar as devidas consequências. Quase ao mesmo tempo, Paul Valéry tinha escrito que "nós, as civilizações, sabemos agora que somos mortais" e acrescenta: "Há a ilusão perdida de uma cultura europeia e a demonstração da impotência do conhecimento para salvar o que quer que seja; há a ciência, mortalmente ferida nas suas ambições morais, e como que desonrada pela crueldade das suas aplicações" ("*La Crise de l'Esprit*"⁵ 1919). Spengler, num percurso analítico paralelo, considerava que as civilizações são mortais e pensava que a civilização ocidental tinha chegado ao seu ocaso, ao permitir que a "civilização" (material, técnica e económica) esmagasse e anulasse a Cultura: a capacidade para produzir sentido, colectivo e individual⁶. As teses de Spengler tinham tido outro eco na interrogação de Sigmund Freud (seu leitor), no famoso "*Mal estar na Cultura*" (ou, mal traduzido, na civilização), onde a *técnica* é identificada como um dos factores decisivos na crise. Para Freud o futuro da humanidade está comprometido "desde que a tecnologia permitiu aos homens exterminarem-se uns aos outros até ao último"; escrevia isto quinze anos antes de Hiroxima.

Foi nessa *circunstância* que surgiu o Surrealismo, movimento cuja reivindicação principal era precisamente a crítica radical da civilização e que, como tem sido demonstrado, forneceu a matriz temática *cultural* do "acontecimento" de Maio de 68, meio-século mais tarde. Assim, escreve Gallagher, "Uma das características de Maio 68 que evocam o estilo do surrealismo, foi a íntima associação entre a expressão artística e a ação política. Slogans provocadores, cartazes originais, grafitis. As justaposições inesperadas e as imagens oníricas desafiavam a percepção"; à qual se

3 Ver a série recente de lições de Peter Sloterdijk no Collège de France intitulada "Le continent sans qualités : des marques-pages dans le livre de l'Europe" (de 2021 ao presente) <https://www.college-de-france.fr/fr/chaire/peter-sloterdijk-invention-de-europe-par-les-langues-et-les-cultures-chaire-annuelle>

4 Impossível não evocar a tese de Max Weber sobre a relação o Protestantismo e o capitalismo, lida por muitos como uma "lei", enquanto Weber pretendia escrever a História de um acontecimento histórico único (um "indivíduo histórico"), situado num tempo e num espaço relativamente bem delimitados e por conseguinte não generalizável. Cf. Jean-Claude Passeron, *Le raisonnement sociologique*, Paris, Albin Michel, 2006 .

5 "A crise militar pode ter acabado. A crise económica é visível em toda a sua força; mas a crise intelectual, que é mais subtil, e que, pela sua própria natureza, assume as aparências mais enganadoras (uma vez que se desenrola no próprio reino da dissimulação), esta crise torna difícil apreender o seu verdadeiro ponto, a sua fase." (...) (...) "Os factos, porém, são claros e impiedosos. Milhares de jovens escritores e artistas morreram. Há a ilusão perdida de uma cultura europeia e a demonstração da impotência do conhecimento para salvar seja o que for; há a ciência, mortalmente ferida nas suas ambições morais, e como que desonrada pela crueldade das suas aplicações (...)" "*La Crise de l'Esprit*", 1919.

6 Há quem pense que a velha oposição na língua germânica entre Kultur e Zivilisation é vazia de sentido. Defendo aqui o contrário com o apoio de N. Elias. "*Sociogenesis of the Antithesis Between Kultur and Zivilisation in German Usage*" https://www.blackwellpublishing.com/content/bpl_images/content_store/sample_chapter/0631221611/Elias_001.pdf

acrescentava a filosofia libertina que perfilhavam os situacionistas, e tinha inspirado os surrealistas. Por outro lado, a aposta na espontaneidade: ambos os movimentos valorizavam a espontaneidade e as acções não planeadas. Os surrealistas usaram a escrita e o desenho automáticos, enquanto os manifestantes de 68 se envolveram em demonstrações e ocupações espontâneas⁷. Por fim, a associação, diversa e por vezes confusa, entre marxismo e psicanálise, devia muito ao primeiro surrealismo.⁸

Mas a Europa destroçada pela guerra está profundamente dividida. O espaço germânico opõe violentamente os revolucionários comunistas aos partidários do nacionalismo burguês-aristocrático que prenuncia o nacional-socialismo. A revolução alemã de 1919 termina com uma onda de violência⁹ que vai levar, pouco mais de uma década mais tarde, à grande crise e à ascensão do hitlerismo. Entre conservadores "tradicionais" e direita extremista de um lado e revolucionários comunistas do outro, o espaço é ínfimo para a criação cultural contestatária. A cultura, a revolta cultural, não estão na ordem do dia. Ou vão manifestar-se na hipótese oposta: A "*Neue Sachlichkeit*", ou nova objectividade e no expressionismo. Os intelectuais alemães, ou não compreendem o surrealismo francês ou consideram-no simples capricho e no limite brincadeira onírica sem interesse (Otto Grautoff, E. R. Curtius). O próprio W. Benjamin reconhece que o surrealismo nunca atravessou a fronteira alemã. Em França o surrealismo prospera, na Alemanha são o expressionismo e a revolução conservadora que dão o tom. Expoente dessa revolução, Ernst Junger que depois de uma série de artigos de inflamado nacionalismo publica em 1930 o ensaio *A mobilização total*, seguido em 1932, de "*O trabalhador*", textos em que "o neo-nacionalismo de Jünger se exprime numa celebração do Estado e da técnica, como forças mobilizadoras" (Louis Dupeux, *Wikipedia*)¹⁰. Logo após a segunda guerra, impunha-se a constatação que o surrealismo, se é que pôde ter alguma aceitação na Alemanha, a teria inteiramente perdido¹¹. Daí pode muito bem decorrer a considerável diferença de carácter, ou seja da relação entre acção política e cultura, entre o Maio alemão e o Maio francês.

Movimento breve, apesar de ter tido vários, dispersos, prolongamentos, o surrealismo foi também um fenómeno francês ou, se quisermos moderar a ideia, um movimento cujo incontestável "epicentro" foi a França¹². É difícil dar a esse facto o relevo que merece, que pode parecer excessivo se considerarmos a multiplicação de iniciativas artísticas que se reclamavam do surrealismo ou dele se inspiravam, num quadro geográfico alargado. Fenómeno centrado na França, teve na Europa um acolhimento efectivo, à parte o caso belga que se encontrava sob influência

7 Ryan Gallagher, 2010. A Situation for Revolt: A Study of the Situationist International's Influence on French Students During the Revolt of 1968 [Influence on French Students During the Revolt of 1968 2]. https://scholarsarchive.library.albany.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=honorscollege_history

8 LaCross, D. 2011. "Dreams of Arson & the Arson of Dreams: Surrealism in '68" in *Critical Legal Thinking. Law and the political*. <https://criticallegalthinking.com/2011/01/12/dreams-of-arson-the-arson-of-dreams-surrealism-in-68/>

9 O esmagamento da revolta Spartakista e dos Conselhos operários, o assassinato de K. Liebknecht e R. Luxemburg, apesar das novas tentativas insurreccionais de 1921 e 1923, mantém a Alemanha de Weimar num ambiente de desastre.

10 A diferença radical entre os movimentos modernistas alemães dos anos 20 e 30 e o surrealismo é ilustrada pela divisa do Bauhaus - "*Kunst und Technik: eine Neue Einheit!*" (Arte e técnica, uma nova unidade). De resto, um dos expoentes do Bauhaus (o arquitecto Fritz Ertl), foi quem desenhou os edifícios dos "duches" de Auschwitz, que eram as câmaras de gás, último passo antes dos crematórios. Na óptica Bauhausiana da máxima eficácia... arquitectónica.

11 " Em 1947, na revista *Prisma*, Franz Roth fez a observação lúcida de que o Surrealismo era virtualmente inexistente na Alemanha"(...). Durante um debate público em 1953 entre Max Ernst e Eduard Trier sobre o estado actual do Surrealismo, o historiador de arte declarou que o Surrealismo tinha chegado ao fim da sua evolução. Quanto a Adorno, ao fazer uma retrospectiva do Surrealismo três anos mais tarde, constata que o movimento "perdeu toda a sua força após a catástrofe europeia...". Martin Schieder, "À la conquête de la Sarre. L'exposition *Peinture surréaliste en Europe* à Sarrebruck en 1952", dans: Drost et al. (ed.), *Le surréalisme et l'argent*, Heidelberg: arthistoricum.net 2021, p. 338-356, <https://doi.org/10.11588/arthistoricum.612.c10923>

12 O que talvez contribua para explicar a sua extraordinária presença no Maio de 68 francês, e a ausência ou quase ausência no alemão ou no italiano, por exemplo.

francesa directa, sobretudo nos países do Sul: Espanha¹³, Portugal¹⁴, Itália¹⁵, Grã-Bretanha¹⁶ mas também na Checoslováquia (esta, um caso à parte - ver nota 27), porque se movia no espaço resultante da desagregação do império austro-húngaro sem transportar o fantasma imperial alemão (que a suprimiria pouco mais tarde). Todos esses "focos" olhavam para Paris como "centro" do "movimento". Por razões que permanecem por explorar, a intensidade da revolta surrealista e a sua permanência subterrânea durante meio-século foi incomparavelmente francesa. Maio o prova.

(ii) América do Norte: inocência imperial

Inteiramente diferente foi o contexto cultural norte-americano. A ausência da guerra 14-18 do seu solo e as perdas muito menores dos EUA farão com que o impacto da guerra tivesse efeitos *opostos* e não apenas mais ou menos intensos. Sem respeitar estritamente a ordem cronológica, o devir imperial dos Estados Unidos tem dois pontos de ruptura: a chamada "Guerra Civil" (1861-1865, guerra de pura secessão), e a "I Guerra Mundial" de 1914-18. A primeira, por se desenrolar no território já adquirido pelos Estados Unidos, e pelo número de mortos (750.000 militares, e talvez 50.000 civis). e por ser uma guerra fratricida, mantém o seu potencial traumático praticamente intacto e influi de maneira decisiva na vida política americana até aos nossos dias.

Mas a I Guerra Mundial introduz uma inflexão importante. O meio-século que separa 1865 e 1914-18 é o da expansão industrial dos Estados Unidos. 14-18 é primeira guerra de grande alcance na qual os Americanos, ex- Nordistas, ex-Sulistas, brancos e negros (estes, segregados) vão combater lado a lado, numa guerra imperial. A intervenção americana, fulgurante (primeiras verdadeiras batalhas no verão 1918, seis meses antes do Armistício, como já se disse), entreabre um horizonte imperial americano, ao revés do que se passa na Europa. O mundo cultural norte-americano desconhece quase por completo a febre de auto-crítica e a recusa visceral da civilização industrial, mecânica, que tinha fornecido os instrumentos técnicos que explicam a escala do morticínio. Mesmo os "modernistas", John Dos Passos, Hemingway, Ezra Pound, T.S. Eliott, mantêm uma visão ambivalente da queda da civilização europeia. Dos Passos, de início crítico do industrialismo, tornado depois simpatizante comunista, desenvolve por a sua admiração das metrópoles e do capitalismo industrialista; Pound sai da lamentação do fim da civilização no fim da I Guerra, para o enaltecimento da potência industrial e militar dos regimes autoritários europeus. Influenciados, um tempo, pelo ambiente parisiense dos anos 20-30, os escritores norte-americanos que reivindicavam alguma dissidência em relação ao inquebrável optimismo "materialista" (talvez melhor: empirismo ou realismo ingénuo) yankee, iriam refugiar-se em Tânger, tanto antes de segunda guerra mundial como durante e depois¹⁷. A América era incompatível com o desvio que implicava essa recusa radical do *american way of life*. Etc.

13 Contam-se às dezenas os artistas surrealistas espanhóis, com grupos na Catalunha, na Andaluzia, em Madrid, em Saragoça, Tenerife, etc., e revistas às dezenas, nos anos 20 e 30. Interrupção durante a guerra. Inventário quase exaustivo em <https://www.melusine-surrealisme.fr/surr-ts-pays/pays/espagne>

14 Os autores da nota sobre o surrealismo em Portugal atribuem a sua recepção tímida e tardia a três obstáculos: a influência da "Presença" que recusava essa "vanguarda", o Neo-realismo, a influência comunista e ... a ditadura. A fonte de informação e inspiração é incontestavelmente Paris. Mas alguns nomes sobressaem, já bem entrados os anos 40, entre eles Cesariny, Cruzeiro-Seixas, O'Neill, Oom, Julio Pomar, Vespeira, França, etc. <https://www.melusine-surrealisme.fr/surr-ts-pays/pays/portugal>

15 Na Itália distinguem-se entre os surrealistas fortemente ligados a Paris, os nomes de Leonor Fini, Giorgio de Chirico e o seu irmão Alberto Savinio, Fabrizio Clerici ou ainda Enrico Baj, este muito ligado aos movimentos anarquistas.

16 David Gascoyne, com alguns companheiros britânicos fundou em 1936 o *British Surrealist Group*. Gascoyne passou os anos imediatamente anteriores à guerra em Paris, na companhia dos surrealistas. O Grupo teve forte impacto, mas como diz a Britannica, "British Surrealism in its organized, communal form was a short-lived and somewhat local phenomenon of the 1930s and '40s." O Grupo contou dezoito membros, entre os quais três mulheres.

17 Autores como Paul Bowles, que se instala em Marrocos desde os anos trinta, foram seguidos por Truman Capote, Tennessee Williams et Gore Vidal nos anos 40 e, nos anos 50, por Allen Ginsberg et William S. Burroughs, a chamada *beat generation*.

O projecto territorial norte-americano tinha preenchido o seu "*manifest destiny*"¹⁸. Na consciência colectiva dos EUA, a exprimir-se na literatura, nas artes e na religião, ao contrário da percepção europeia, a "eficácia" da intervenção americana (ante-visão de uma "blitzkrieg") demonstra a bondade do novo sistema industrial, premissa da nova posição dominante no mundo. As ruínas da Europa foram o berço da ingénua e mortífera auto-glorificação americana do industrialismo, com vista sobre o Mundo; arruinada aqui, com a notável excepção alemã, onde técnica e indústria vão tornar-se o facto dominante do primeiro pós-guerra europeu, foi essa exaltação do industrialismo e da civilização mecânica que se tornou na nova religião laica dos EUA. A heroização eufórica dos exércitos americanos tornou-se uma componente essencial do complexo cultural tecno-capitalista transportado por uma "democracia autoritária" que se tornava por fim verdadeiramente *moderno*. Já voltaremos à América. A mil léguas, mais ou menos, e não só geográficas, do berço do surrealismo.

(iii) Homens, os mortos e os vivos feridos de morte

Homens: o movimento de recusa radical que animou o surrealismo foi um movimento de homens; seria ocioso evocar a longa lista dos nomes que em diferentes momentos e de diversas maneiras, o fundaram e nele participaram. À volta desses homens¹⁹ existiu sempre um círculo de mulheres, cujo papel foi, é verdade, muitas vezes o de musas e companheiras, não de impulsionadoras originais e são menos conhecidas como as artistas de pleno direito. Apesar de terem sido participantes activas nas exposições surrealistas e outras manifestações²⁰. Não sei se é justo ver nessa relativa predominância do masculino no surrealismo, sobretudo no domínio da literatura, o simples prolongamento da antiga e incontestável assimetria dos sexos na cultura europeia, ou se temos que adicionar-lhe o facto que foram os homens que morreram aos milhões nas trincheiras, que sofreram nos seus corpos o horror da morte, a visão dos corpos esfacelados, e dos próprios ferimentos (Apollinaire...): não as mulheres²¹. Testemunhas directas e protagonistas do escândalo humano, foram os jovens homens que gritaram a sua revolta e a crítica das próprias bases em que assentava a barbárie: a civilização. Já veremos porque é importante assinalar essa assimetria.

"Movimento" confuso, plural, hesitante em muitas áreas da cultura e quanto à sua relação com a sociedade e a política, o Surrealismo, é raro que se sublinhe esse facto central já evocado, foi um momento *breve*²² da cultura europeia e centrado na França. Surgiu com DADA (Zurique 1916), que iria ser enxertado no surrealismo parisiense em 1920. Mas o divórcio de DADA ocorre logo em 1924 com a publicação do "*Manifesto do Surrealismo*". No final da década de 20 a publicação do

18 Aliás, as guerras "americanas", para além das guerras de extermínio contra as Primeiras Nações (que se acabam oportunamente em 1915!), tinham sido tentativas de conquistas (falhada contra o Canadá 1812-15) ou conquistas contra o México (anexação do Texas do Arizona, Novo México e Califórnia, 1846-48). Em 1898, guerra contra a Espanha (Cuba e Porto Rico, Filipinas...), com perdas mínimas, quase todas cobertas de glória.... Ao mesmo tempo, anexação de Hawaii.

19 E isto é verdade tanto em França como nos três países latinos mencionados.

20 Conhecem-se hoje melhor nomes como os de Leonor Fini, de Brete Oppenheimer, Lee Miller, Claude Cahun, Valentine Hugo, Alice Rahon, Kay Sage, Toyen, Ithell Colquhoun, Leonora Carrington, Frida Khaló entre outras. Mais dedicadas às artes plásticas que à poesia. Sucumbo à tentação de pensar que poucas ou nenhuma de entre elas tiveram nos anos matriciais, entre 20 e 30, um papel motor e criativo à altura das grandes figuras masculinas do surrealismo. E não por causa de os seus nomes serem ignorados ou preteridos em função do seu sexo. Contra este ponto de vista, ver: Izabella Scott, 2017. "The Pivotal Role That Women Have Played in Surrealism". <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-women-surrealism-muses-masters> ; ou ainda Kate Brown, 2020. "Surrealism Was a Decidedly Feminine Movement. So Why Have So Many of Its Great Women Artists Been Forgotten?". <https://news.artnet.com/art-world/kunsthalle-schirn-surrealist-women-1779669>. A resposta a essa pergunta fica suspensa. Haverá que escrutinar as cronologias, porque a intervenção das mulheres acontece sobretudo na segunda e na terceira gerações de artistas.

21 Na II Guerra Mundial as mulheres mortas em combate representam (segundo as diferentes avaliações) entre 0,004 e 0,01% das perdas humanas. Note-se que o terrível padrão se manteve mais tarde. Na guerra do Vietname, morreram 58 272 soldados americanos, dos quais 8 eram mulheres. <http://www.laguerreduvietnam.com/pages/statistiques-1/pertes-globales-sur-l-ensemble-du-conflit.html>.

22 O que não impede que, à maneira dos grandes terramotos, tenha sido seguido por numerosas "réplicas"...

"*Segundo Manifesto do Surrealismo*" (1930) marca já a perda de coerência do movimento²³. Breve eclosão ideológica radical à procura de um espaço assimétrico na cultura e na política, o surrealismo acusa o choque com a política que vai desarticulá-lo. Interessa deixar um apontamento: o Surrealismo dos anos do primeiro pós-guerra eclode num momento histórico paradoxal: crise das consciências e rápida recuperação económica em França, que se prolonga até ao fim dos anos 20. Maio de 68 tem isso em comum com esses anos: surge após a acumulação de décadas de forte crescimento económico. Preocupado com a eficácia e a acção, sob a pressão conjunta do apelo da revolução de Outubro e do agravamento dos perigos reaccionários, o grupo surrealista decide aderir ao partido comunista francês em 1927²⁴. Mas a exigência de obediência à "linha" do PCF, a disciplina de pensamento e a censura, são incompatíveis com a atitude surrealista essencialmente libertária. Breton faz, entre outros "desvios", uma severa crítica do estalinismo, e é expulso do partido em 1933 (como era óbvio). Em 1936 é promovido a "inimigo do povo" pela sua crítica acerba dos "processos" de Moscovo. *Honoris causa*, se se pode dizer. À procura de um lugar na cena política, o surrealismo perde-se no pântano dos revolucionarismos políticos, apoia Trotski, e perde de vista o núcleo central do movimento: a liberdade sem compromissos da arte, da poesia, da vida intelectual. Duros tempos, os anos trinta e quarenta. O Surrealismo, apesar de ter sido uma breve estrela candente (ou por isso mesmo), imprimiu uma marca indelével na cultura do primeiro pós-guerra e do período entre as duas guerras. O seu cariz anti-autoritário, anti-tecnocrático, confiante na espontaneidade e, apesar do horror de que os humanos são capazes, nas capacidades do Homem, havia de ter uma herança - diferida de décadas - que nos vai interessar para o que diz respeito a Maio de 68. Nestes anos, torna-se patente a oposição consubstancial entre liberdade criativa e acção política, configurada nos anos 20 entre surrealismo e comunismo. Essa cisão ressurgiu quase tal e qual em 68: libertário, anarquizante, incompatível com os partidos e os sindicatos dominantes e a prática do "centralismo democrático" (um oxímoro).²⁵

(iv) A morte do Masculino

A crítica da Razão elevada ao estatuto de princípio exclusivo ordenador da história, mais radical que a crítica do racionalismo e do progresso, mais radical que a crítica social, ia de par com a exaltação da liberdade de um espírito humano concebido como muito mais vasto do que a zona de consciência normal. O culto e o cultivo da Imaginação²⁶, a abertura ao subconsciente, haviam de dar o mote principal da busca das raízes da criatividade. A ela é preciso acrescentar a obsessão pelo Feminino. Já relevei a participação pelo menos minoritária e algo marginal das mulheres no Surrealismo, sobretudo em literatura. Outro e muito mais essencial é o lugar da Mulher-Em-Geral, do Feminino enquanto tal, do Eterno Feminino, do *Ewig Weibliche*, que os surrealistas assumem como uma verdadeira obsessão, tanto na poesia como nas artes plásticas. "*Nadja*" (1928) e "*O amor louco*" (1934-36), de Breton são os sinais. Foi desde cedo identificado esse paradoxo surrealista, onde a exaltação da Mulher em abstracto foi por vezes interpretada como a outra face do esquecimento e até de uma certa marginalização das mulheres reais, concretas. O paradoxo tem aliás o interesse de tornar ainda mais relevante a diferença das temáticas das mulheres surrealistas em relação às dos homens. Elas viram-se para elas próprias, exaltam também elas o Feminino, cultivam o olhar feminino sobre o Feminino; ignoram o Masculino²⁷. Entretanto, os homens surrealistas exaltam... o

23 Outros diriam o excesso de coerência, um certo dogmatismo que é tantas vezes a marca da fossilização.

24 A. Breton, L. Aragon, P. Eluard, R. Crevel, B. Péret.

25 Paradoxo revelador da incompatibilidade entre surrealismo e acção política partidária, o percurso de Tristan Tzara, um dos principais animadores do movimento DADA em 1916. O seu gosto quase exclusivo pelo escândalo é visto pelos surrealistas (sobretudo Breton) como algo infantil e estéril. Tzara que declara em 1934 um apoio sem reservas ao partido comunista, nele ingressa oficialmente em 1947. ingressa no PCF e na sua máquina partidária progride até ao fim da vida. Como não podia deixar de ser, "As posições de Tzara foram duramente criticadas pela extrema-esquerda e pelos anarquistas, nomeadamente pelo jornal *Le Libertaire*, que o apelidou de "fantoche de Moscovo" (Wikipedia, "Tristan Tzara"). Triste destino de um surrealista, perdão, dadaísta...

26 "L'imagination au pouvoir" e "Croyez à la réalité de vos rêves", slogan de 68, podiam ser os dos surrealistas de entre as duas guerras.

Feminino.²⁸ Não conheço nenhum texto (pode ser que exista) produzido pelos (ou pelas) surrealistas dedicado à glória ou à beleza do Masculino²⁹.

O Masculino, para dizê-lo abruptamente, morreu nas trincheiras e a longa sequência dos anos 30 e 40, de que actualmente se sublinha que foram tragédias de homens matando-se uns aos outros sob comandos político e militar eminentemente masculinos, iria acrescentar o último prego no sarcófago³⁰. Esse facto é tanto mais digno de menção (e deixemo-lo na memória para o desenvolvimento que aí vem) que alguns dos surrealistas eram homossexuais; também algumas das mulheres surrealistas o eram; mas elas, ao contrário dos homens adoradores do Feminino, exaltavam a beleza dos seres do seu próprio sexo e os amores sáficos. Habita-as a paixão do Mesmo. Um século mais tarde inventa-se o chamado "androceno"³¹ como lugar da maldição absoluta do Masculino: todo o Mal foi culpa "deles". Que fique como nota de síntese a admiração quase mística do Feminino pelos surrealistas que se manifesta nas obras literárias e nas artes plásticas a par com o opróbrio feminino do Masculino: é a matriz que se imporá nas décadas que seguem Maio de 68, na "herança" que recebe e na que deixa.

A crítica radical da Civilização não assentava em nenhuma crença de um seu eventual desvio, ou falhanço. Pelo contrário, o horror da guerra assinalava o seu *sucesso* final. A potência destrutiva dos exércitos, a dimensão inédita da destruição, eram os resultados directos - que pareciam, e talvez fossem e sejam, inevitáveis, do *sucesso* do industrialismo plasmado no quadro institucional do capitalismo³².

(v) A (desejada) morte da Razão: efeitos colaterais

Com a desconfiança contra a Razão, emergia outro perigo: o irracionalismo que havia de alimentar o pensamento perverso dos totalitarismos ocidentais nessa época e muito tempo depois ainda depois deles. Perverso porque a par do irracionalismo que alimenta o culto da "Raça Superior", novo "Povo Eleito" (mas por outros deuses), do seu destino prometido e da adesão total ao Chefe, desenvolve

27 O caso da pintora surrealista checa Toyen (pseudónimo de Marie Cerminová) ilustra essa dissidência: Toyen recusava utilizar o seu nome checo, porque o género é marcado pela terminação -vá (o masculino seria Cerminov). Cf. "Casta, implícita e muitas vezes dessexualizada, a visão feminina do erotismo nunca abraçou as aspirações surrealistas. E esta ausência de linguagem erótica contribuiu para limitar a sua participação nesta vertente do Surrealismo." Whitney Chadwick, "Les Femmes dans le mouvement surréaliste". par Éléonore Antzenberger. https://www.melusine-surrealisme.fr/site/Lu2006/Antzen_Chadwick

28 "Ao contrário dos homens, as mulheres artistas procuravam uma representação diferente de si próprias. Os autorretratos eram raros entre os surrealistas masculinos, mas frequentes, entre as mulheres. Numerosas artistas fotografaram-se, representaram-se em pintura,, construíram-se personagens. Em literatura, abundam narrativas e os textos autobiográficos". A partir de Wikipedia, https://fr.wikipedia.org/wiki/Femmes_surr%C3%A9alistes. O autorretrato é por vezes multiplicado até à obsessão (ex.: Claude Cahun, Leonor Fini).

Também Katy Hessel, que reescreve a história da arte *sem* os homens: : "Mudaram a representação erotizada dos seus próprios corpos, voltando o olhar para si próprias. Procuraram representar no seu trabalho a libertação e a opressão, a imaginação e a transformação, bem como qualidades mágicas e sensuais. Nas suas representações de paisagens de sonho, paisagens e interiores arquitectónicos frequentemente claustrofóbicos, mostravam as mulheres como fortes, dominadoras e livres." Katy Hessel 2023. "A chapter from The Story of Art Without Men" (Livro: Penguin books 1922).

29 Pelo contrário! As obras surrealistas retratavam frequentemente "masculinidades traumatizadas e feridas" "Anxiety and perversion in post-war Paris" <https://content.ucpress.edu/chapters/10357.ch01.pdf>. As pintoras surrealistas quando representavam figuras masculinas tendiam a torná-las andróginas, "neutralizadas" (Leonor Fini), salvo raras excepções.

30 A tese segundo a qual a guerra é a culpa dos homens (masc.), e que as principais vítimas são as mulheres, que ignora o pesado tributo dos homens e a evidência da salvaguarda das vidas das mulheres e das crianças, que o wokismo propaga, é monstruosa. E contagiosa. Mas já estava implícita no "Arcane 17" de Breton (1944).

31 Expressão inventada por "Eco-Feministas Radicais" parisienses, para designar a era industrial-capitalista-militarista como a "Era Dos Homens", comportando metáfora geológica. O chamado "Antropoceno" seria afinal um Androceno (na série -mioceno, holoceno, antropoceno, etc.).

32 É raro encontrar a análise do Capitalismo enquanto *Instituição* (ou quadro institucional), que engloba e torna operativo o cálculo económico capitalista etc. Mas: Frédéric Lordon, *Conflits et pouvoirs dans les institutions du capitalisme*, Presses de la Fondation des Sciences Politiques, Paris, 2008 .

um industrialismo moderno³³ e triunfante, que causa admiração nas desorientadas democracias ocidentais, e organiza com os melhores métodos técnicos e administrativos a produção industrial e... o extermínio de populações inteiras. A confusão deletéria entre crítica da Razão (maiúscula) como ídolo capaz de organizar a totalidade da vida social e racionalismo enquanto método de aquisição e de crítica dos saberes³⁴, havia de destruir a ferramenta ao recusar o ídolo metafísico. Questão que voltará a estar na ordem do dia durante e após Maio de 68.

A precipitação dos acontecimentos dos anos imediatamente anteriores à segunda guerra mundial, nos tristemente famosos "Anos Trinta" viria retirar espaço de expressão aos movimentos político-culturais radicais e em particular ao surrealismo. Passo rapidamente por esse período sobejamente conhecido, onde se conjugam e se reforçam mutuamente: o rápido mas breve crescimento económico do pós-guerra (18-29) que não chega a durar duas décadas antes da crise económica, crise política, e por fim, de novo a guerra Espanha (36-39) e o cortejo fatal de Auschwitz a Hiroxima. É lícito pensar que nunca a crítica da civilização europeia que animava o Surrealismo teria sido tão pertinente, tão adequada às circunstâncias. Mas estas, que confirmavam o núcleo central da acção surrealista, retiravam-lhe espaço de expressão e desenvolvimento, como aliás tinham sufocado, pela repressão ou pela dispersão, os movimentos anarquizantes, sindicais ou políticos. Na situação de guerra total contra o nazismo e os seus aliados do Eixo, onde pereceram cerca de 60 milhões de pessoas, com uma proporção de mortes civis nunca antes vista, a realidade obtura a imaginação, a tragédia sufoca a apiração pela beleza.

Com efeito, se os anos trinta são os da preparação de uma manifestação ainda mais radical do horror de 14-18³⁵, a segunda guerra mundial, como os anos que se lhe seguiram, tinha enviado os surrealistas para uma espécie de estratosfera de "artistas" e "escritores", que era o que eles tinham veementemente recusado - sem "prise" sobre a realidade social e política. Afastamento moral acentuado ainda pelo exílio voluntário de muitos deles na América³⁶. A prosperidade económica do segundo pós-guerra, o esforço ingente de amnésia colectiva sobre o passado recente, pareciam ter pulverizado a tentativa surrealista nascida nos anos 20: liberdade absoluta do espírito criativo, anti-autoritarismo político, crítica da orientação tomada pelo progresso tecnológico, precoce anti-colonialismo³⁷.

A aspiração libertária, dificultada por contextos desfavoráveis, perdia pé³⁸. Pretendo que a crise cultural dos anos 20 e a temática libertária que nela se elaborou, perderam "actualidade" no tumulto das transformações militares, geopolíticas, económicas e sociais que em 30 e 40 deram nascença ao que parecia um Mundo Novo. Desligadas da actualidade, essas temáticas viajaram como aqueles rios nascidos em formações cársticas que se afundam e seguem longos percursos subterrâneos antes

33 Johan Chapoutot, *La Révolution culturelle nazie*, Paris, Gallimard, coll. « Bibliothèque des histoires », 2017. Uma "revolução" no sentido arcaico: um retorno circular a um passado mítico, assente apesar da contradição, nas melhores técnicas do que viria a chamar-se "management".

34 Tese admirável de Gaston Bachelard em *"Le rationalisme appliqué"*, Paris : Les Presses universitaires de France, 1966 (1949). https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8000194/mod_resource/content/1/1966%20bachelard.pdf

35 Itália 22, Alemanha 33, Portugal 26 e 33, Espanha 36...

36 Exilados em Nova Iorque, anos 40, entre outros, André Breton, Marcel Duchamp, Darius Milhaud, Julien Green, Marc Chagall, Jules Romains, Jacques Maritain, Claude Lévi-Strauss, Jean Perrin, Saint-Exupéry, G. Gurvitch. Entre eles, alguns permanecem nos Estados Unidos depois da guerra e aí fazem carreira, como os surrealistas Yves Tanguy, Marcel Duchamp, Darius Milhaud. Duranton-Crabol Anne-Marie, 2000. "Les intellectuels français en exil aux Etats-Unis pendant la Seconde Guerre mondiale : aller et retour." In: *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, n°60, 2000. *Les Etats-Unis et les réfugiés politiques européens : des années 1930 aux années 1950*. pp. 41-4

37 Os surrealistas opõem-se desde o início (1925) à guerra do Rif e vão ao ponto de incitar as tropas francesas a desertarem. Em 1931 ridiculizam a Exposição Colonial de Paris, arreganho patético do Ocidente industrialista e imperial. O Marechal Lyautey, ex-Residente no protectorado de Marrocos, é o Comissário. Esta continua a "obra ideológica da Exposição Colonial de Marselha em 1922 (em projecto desde 1913 e interrompida pela guerra) que pretendia, invariavelmente, justificar a colonização e o "Império" através da construção da imagem do (bom) Indígena, selvagem mas agradecido.

38 A este diagnóstico apressado e demasiado negativo que seria preciso rever opõe-se o sólido inventário de Anne Foucault sobre o surrealismo dos anos do segundo pós-guerra: Anne Foucault, *Histoire du surréalisme ignoré (1945-1969)*. *Du Déshonneur des poètes au « surréalisme éternel »*. Paris, Hermann, 1922.

de ressurgirem e retomarem o seu curso ao ar livre bem mais longe. Afundados em 40, ressurgem com toda a força em 68.

2. Maio 68: Contextos políticos próximos

(i) *Colonialismo, anti-colonialismo, guerras e independências*

A herança do "primeiro meio-século" não iria ser reactivada sem incorporar as novas realidades e sem trazer consigo as novas formas da crítica radical da civilização europeia³⁹.

A herança de curto e médio prazo (das décadas de 50 e 60), que Maio havia de receber, trazia consigo, num ambiente económico eufórico⁴⁰ uma vaga de movimentos sociais que, vistos de longe, prenunciam as grandes greves de 68. "O Maio de 68 não foi um acidente da história sem consequências. Para muitos trabalhadores, o Maio de 68 começou logo em 1966, com as revoltas em Caen, Lorraine, Fougères, Redon e Saint-Nazaire; com um movimento agrícola em rápida mutação que redescobriu o confronto com a polícia; com um movimento liceal que surgiu mais de um ano antes dos famosos acontecimentos." Escreve J.-P. Duteil, militante anarquista, um dos animadores, com D. Cohn-Bendit, do Movimento do "22 de Março".⁴¹

A luta social integrava desde o início dos anos sessenta o ingrediente político-cultural principal de um anti-colonialismo renovado pela vaga de independências das colónias⁴². A identidade moralista dessas correntes, para além do conteúdo político manifesto, impedia nos anos sessenta o mínimo recuo quanto à natureza dos "nossos amigos", de quem os esquerdistas se consideravam companheiros de luta no "Terceiro-Mundo". Pela França vão os movimentos favoráveis ao FNL - Vietcong - e sobretudo (quase imediatamente antes de 68), contra a guerra na Argélia (54-62) e favoráveis ao FLN⁴³. No Vietname, os heróis vietnamitas haviam de mostrar do que eram capazes a seguir à vitória de Giap na batalha em Dien Bien Phu.⁴⁴ Logo após o fim dessa guerra (1975) e na década seguinte viriam aqueles cuja vitória havíamos desejado e aclamado, lançar as perseguições

39 "Mas a história do grupo fundado pelo casal Franklin e Pénélope Rosemont após o seu encontro com os surrealistas de Paris em 1965 é menos conhecida e mereceria ser estudada em pormenor. (...) Por isso, sublinha o aspeto político da sua atividade: com os negros e os trabalhadores, contra o modo de vida americano, a guerra do Vietname, o racismo, etc. Para além das lutas políticas nacionais, a especificidade do surrealismo nos Estados Unidos também se manifesta no seu interesse pelo jazz e na poesia de revolta das letras de blues." https://www.melusine-surrealisme.fr/site/Lu2006/Surr_USA Ver também nota 39.

40 O PIB francês por habitante foi multiplicado por um factor 10 entre 1945 e 1969. Mas os salários evoluíram mais lentamente que o PIB e sobretudo de modo desigual: os salários mais elevados aumentaram mais que os mais baixos.

41 J.-P. Duteuil 2008. « *Mai 68, un mouvement politique* », Editions Acratie, La Bussière.

42 "Maio de 68 começou por ser um acontecimento terceiro-mundista. Juntamente com Nanterre, aconteceu sobretudo no Quartier Latin, que na altura era como um pequeno terceiro-mundo, cheio de vietnamitas, argelinos e africanos ocidentais, e dos seus animados cafés e restaurantes africanos ocidentais, com os seus cafés e restaurantes animados. Nesta mistura, o fermento político e teórico do maio de 68 foi animado pela política populista e terrorista da contemporânea Revolução Cultural na China. A atmosfera de revolta descolonizadora tinha sido iniciada dois anos antes". Young, R. J. C. (2020). May 1968: Anticolonial Revolution for a Decolonial Future. *Interventions*, 23(3), 432–447. <https://doi.org/10.1080/1369801X.2020.1843517>

43 Contraste radical com a situação portuguesa. Não só o peso da ditadura e da censura explicam que a massa dos jovens e mais ainda da população adulta tenham adrido ao delírio colonial ("Angola é nossa"), e a incapacidade de pensar em ajudar os "terroristas" dos movimentos independentistas. à parte, claro está da ínfima minoria, isolada, que eram os militantes de oposição. Em França a repressão dos obectores de consciência, dos refractários e, claro, pior ainda, dos desertores, foi selvagem. Os intelectuais que assinaram o "Manifesto dos 121" apelando à resistência à recruta ou à deserção, entre os quais se conta André Breton, foram inquietados, alguns detidos, todos eles reprovados pela esquerda "respeitosa", comunistas e socialistas. Tramor Quemeneur, « Réfractaires à la guerre d'Algérie (1954-1962). Insoumissions, désertions, refus d'obéissance », *Témoigner*. Entre histoire et mémoire [En ligne], 135 | 2022, mis en ligne le 10 octobre 2023, consulté le 11 octobre 2023. URL : <http://journals.openedition.org/temoigner/11459> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/temoigner.11459>

44 Dos 15.000 militares franceses feitos prisioneiros menos de um terço sobreviveu às condições terríveis do cativeiro e à tortura.

de massa e as centenas de milhares de mortos⁴⁵. Muitos dos militantes de Maio de 68 tinham lutado pela vitória dos insurrectos argelinos; luta que segundo bons observadores marcou um traumatismo nacional francês sem resolução à vista. E foi logo a partir de 1962, ano da independência, que se multiplicaram as execuções sumárias em massa dos Harkis⁴⁶ pelo FLN e pela ANL argelinos; abandonados pela França em território argelino, apesar dos acordos assinados em Evian. E com eles, o massacre de todos os opositores ao novo poder do general H. Boumedienne. A esquerda radical foi incapaz⁴⁷, em França como em Portugal mais tarde, de reconhecer claramente a diferença entre lutas pela *independência* (que eram um objectivo limitado e legítimo), de pseudo-lutas pela *libertação* dos povos, o que nenhuma das precedentes foi. Antes resultaram de imediato em ditaduras sangrentas que poucos foram capazes de denunciar.

A França estava profundamente dividida quanto à memória colonial e era capaz de produzir formas extremas de desespero (OAS, "Algérie Française", terrorismo de extrema-direita). Agrava a crise a chegada de mais de um milhão de refugiados, vítimas da limpeza étnica ("Pieds Noirs", colonos antigos e recentes, ricos e pobres, de origens variegadas, franceses, espanhóis de 1940 e depois, malteses, judeus...), que os franceses não reconheciam como seus legítimos concidadãos⁴⁸. Os Magrebinos, importados como simples "factor mão-de-obra" revelam-se a partir dos anos sessenta operários capazes de reivindicar direitos e justiça, onde a classe operária francesa se tinha acomodado com o tratamento claramente discriminatório de que os seus "camarades immigrés" eram vítimas. Na consciência "ordinária" francesa, a presença na metrópole de milhões de "Árabes" a coincidir com a expulsão dos Franceses da Argélia, fez prosperar as sementes de um racismo tipicamente francês, que havia de tornar-se um elemento principal da paisagem política *actual*... meio-século mais tarde. Nesse contexto inflamável a esquerda humanista revela ao país o uso sistemático da tortura pelo exército francês durante a guerra na Argélia. A crise moral, latente porventura desde os massacres de Sétif (1945) na "questão argelina", desde a derrota no Vietname (1954), foi reavivada pela brutalidade sem limites que daria a "vitória" da "Batalha de Argel" (1957, de facto, uma derrota moral). E essa crise atinge as camadas mais profundas da população⁴⁹. *Maio herda esse trauma.*

(ii) Contextos culturais próximos: a cena intelectual

Estritamente contemporânea é a extraordinária efervescência político-intelectual que marca os anos que precedem, acompanham e sucedem a Maio de 68. Que o contexto propriamente intelectual tenha tido um impacto tão profundo e alargado a tantos sectores da sociedade francesa é um traço essencial que diferencia o Maio de 68 francês dos movimentos mais ou menos contemporâneos e paralelos em outros contextos internacionais. É pois oportuno indicar alguns nomes influentes e as datas que ilustram a influência dos intelectuais. Henri Lefebvre escreve em 1967 "*O direito à cidade*", um manifesto que funda a crítica de fundo dos novos urbanismos tecnocráticos; Baudrillard publica em 1968 "*O sistema dos objectos, consumo dos signos*" (escrito em 1966), que põe em causa a sociologia da vida quotidiana, sob a influência do mesmo H. Lefebvre, e critica o consumismo. Baudrillard faz parte do grupo que cria a revista « *Utopie* » em 1967. Do lado da filosofia, Gilles Deleuze reinveste a filosofia de Nietzsche (1962, 1965), com uma tonalidade quase profética e certamente libertária; Derrida publica "*Da gramatologia*" em 1967, contra Lévi-Strauss e o estruturalismo; Maurice Blanchot publica em 1959 *Le Livre à venir*, que antecipa a escrita de fragmentos e inspira o R. Barthes de "*La mort de l'auteur*" (1967); L. Althusser, "Pied Noir",

45 Vietnam: Meio milhão de fugitivos, cerca de 250.000 mortos. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Boat-people>

46 Harkis: soldados muçulmanos com a promessa da nacionalidade francesa que combateram (no seio de unidades segregadas) ao lado da França, entre 1955 e 1962. As estimativas do número de vítimas desses massacres oscila entre dez mil e cento de cinquenta mil. Hautreux, F. (2006) . "L'engagement des harkis (1954-1962) Essai de périodisation". *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, no 90(2), 33-45. <https://doi.org/10.3917/ving.090.0033>.

47 Com a notável excepção do grupo "*Socialisme ou Barbarie*".

48 O paralelo, necessário mas complexo, com a limpeza étnica - expulsão dos brancos - que teve lugar nas colónias portuguesas no fim das hostilidades está segundo creio, por fazer de modo exaustivo.

49 Ver nota 49

filósofo, professor na Escola Normal Superior de Paris (Rue d'Ulm), influencia uma jovem geração de filósofos marxistas talentosos e dogmáticos que serão os "maoístas" em Maio de 68. O seu "*Pour Marx*" sai em 1965, seguido por "*Lire le Capital*" (2 vol.), no mesmo ano. Essas obras entendem provocar um "regresso" a Marx e criam uma nova esperança de ultrapassagem da estagnação teórica dos marxismos. Mas seguem uma vertente estruturalista, que os torna pouco aptos a analisar a lógica da acção política. Por isso, os brilhantes "normaliens" maoístas socorrem-se o "*Pequeno livro Vermelho*" e da teoria da guerra popular de Mao Tse Tung. Em 1966, Michel Foucault, dá ao prelo "*Les Mots et les Choses : une archéologie des sciences humaines*" e prepara "*L'Archéologie du savoir*", publicada em 1969. Em 1966 é impressa e largamente distribuída a brochura "*De la misère en milieu étudiant*" de Mustapha Khayati (amigo de H. Lefebvre e de Guy Debord). No ano seguinte sai o "*Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*" de Raoul Vaneigem (1967), inspirado pela "*Critique de la vie quotidienne*", de H. Lefebvre (1947). A coincidir com essa vaga de manifestos, Guy Debord publica em 1967 "*La Société du spectacle*", cuja influência se prolonga até ao presente. Os tempos mudam e as gerações sucedem-se. O movimento "*Socialisme ou Barbarie*", que desenvolvia um notável trabalho teórico sobre os movimentos comunistas "conselhistas", crítico feroz dos regimes soviético e chinês e do novo terceiro-mundismo, publicava desde 1949 a revista do mesmo nome. A publicação cessa em 1965, e o movimento dissolve-se em 1967. As obras de Wilhelm Reich, a reivindicar uma revolução sexual e o direito ao orgasmo têm repercussões profundíssimas e fornecem uma temática inédita nos movimentos sociais, se exceptuarmos o início do século 20⁵⁰. A versão francesa de *Eros et civilisation* de H. Marcuse foi publicada pelas Éditions de Minuit em 1963. Marcuse "tornou-se o símbolo por excelência da revolta do Maio de 1968 em França, uma verdadeira personalidade mediática cujo pensamento soube explicar as insatisfações dos jovens e justificar as suas novas aspirações. As circunstâncias editoriais contribuíram para o sucesso estrondoso de Marcuse, inédito para um filósofo (com a possível excepção de Marx). Em abril de 1968, publica-se a tradução francesa de *L'Homme unidimensionnel. Essai sur l'idéologie de la société industrielle*. (...) Marcuse critica os dois grandes sistemas ideológicos da época, o capitalismo e o comunismo. O leitor encontrava simultaneamente as chaves para a compreensão do mundo contemporâneo e os indícios de uma terceira via utópica conducente à emancipação" (Aubert 2023).⁵¹

O cinema de autores como Truffaut ou Jean-Luc Godard traça ao longo dos anos sessenta uma nova percepção da sociedade, nomeadamente no que concerne às relações entre os sexos⁵². O impacto quase premonitório de "*La Chinoise*" (1967), de Godard é indício do papel que a cultura teve na fermentação contestatária.

Por seu turno, o surrealismo "organizado" parece ter um destino ligado ao episódio de Maio que dele tanto se tinha inspirado. André Breton faleceu em 1966. Em Agosto de 1967 morre um cúmplice: René Magritte. Logo em Outubro de 1969 e em pleno luto pela desintegração das energias criadoras de Maio, o Grupo Surrealista de Paris auto-dissolveu-se.⁵³ E Edgar Morin,

50 1967 (1952), *La Fonction de l'orgasme*, L'Arche éditeur. 1968, *La Révolution sexuelle*, Paris, Plon. Reich W.; essas obras influenciam o "ambiente intelectual e emocional" dos jovens,

51 "Em França, tal como em Itália, *O Homem Unidimensional* tornou-se um bestseller com uma rapidez incrível (...) 80.000 exemplares da tradução francesa foram vendidos em maio de 1968." Isabelle AUBERT, « L'accueil d'Adorno et de Marcuse en France : deux réceptions contrastées », *Philonsorbonne* [En ligne], 17 | 2023, mis en ligne le 08 juin 2023, consulté le 11 novembre 2024. URL : <http://journals.openedition.org/philonsorbonne/2635> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/philonsorbonne.2635> Reich W.

52 Por exemplo: 1961, *Une femme est une femme* ; 1966, *Masculin féminin*.

53 "O surrealismo, no mês de maio que mudou muitas coisas (mas não tudo), [escreve A. Foucault] foi confrontado com "acontecimentos históricos que, ao mesmo tempo que o aclamam, lhe roubam a sua razão de ser". Isto foi resumido numa afirmação bastante optimista de Maurice Blanchot, que já tínhamos visto mais taciturno: "O surrealismo desapareceu? Já não está aqui ou ali: está em todo o lado. Por sua vez, numa metamorfose bem merecida, tornou-se surrealista". François-René Simon, 2022. "Le dernier surréalisme", *En Attendant Nadeau*, Dezembro 2022. A propósito da obra de Anne Foucault, *Histoire du surréalisme ignoré (1945-1969)*. Du Déshonneur des poètes au « surréalisme éternel ». Paris, Hermann. <https://www.en-attendant-nadeau.fr/2022/12/31/anne-foucault-dernier-surrealisme/> Em 4 de Outubro de 1969 Jean Schuster declara a dissolução do grupo surrealista. Jean Schuster "Le quatrième chant. Etude en forme de manifeste". *Le Monde*, 4 -10-1969. Mas numerosos surrealistas insurgem-se contra essa

pioneiro cultural, traz o seu Journal de Californie, um mergulho na "counter culture" psiquedélica de Haight-Asbury em São Francisco. Uma curta nota pessoal: no preciso momento em que Edgar Morin viajava entre San Diego (Salk Institute) e São Francisco, derivava eu nessa cidade e nas colinas de Palo Alto, levado nas ondas da invenção de novas formas de vida.

(iii) Contextos culturais próximos: Mutações antropológicas

O ressurgimento da crítica cultural radical: Maio de 1968

A crítica radical da civilização europeia enquanto tal lançada nos anos 1920, havia de emergir do *underground* no qual viajava, pouco ou mal apercebida, meio-século mais tarde. Todas as componentes da "revolução surrealista" (termo ligeiramente abusivo, como já disse) sem excepção, integraram a deflagração da crise de Maio de 1968. Teria gostado se tal tivesse sido possível aqui, aprofundar as implicações desse movimento assíncrono entre as realidades materiais que foram os terríveis desastres humanos, as crises económicas, as chacinas militares, a desagregação de impérios e as revoluções tecnológicas e por fim o crescimento económico, inesperado e arrogante desses outros "Trinta", desta vez "gloriosos", em que tudo parecia novo, capaz de apagar definitivamente o passado, por um lado, e a re-manifestação dos velhos anjos ou demónios da crítica cultural radical, por outro. Como duas correntes que se desenrolam a velocidades diferentes, cada uma marcando o seu ritmo como se uma não tivesse "prise" na outra. Uma, a económico-tecnológica, abolindo irremediavelmente o que precede, a outra, a cultural, retomando os temas de um passado que, tão irremediável quanto enigmático, recusa passar. As repercussões do colapso moral da I Guerra Mundial, agravado pelos horrores da segunda, pareciam ter sido resolvidas pelo crescimento económico e pela recuperação do segundo pós-guerra. O silêncio sobre os horrores da guerra e dos campos de concentração, a amnésia voluntária do imediato pós 1945, eram incapazes de obliterar esse passado⁵⁴.

Ora, como lembrava Ian Kershaw em 2015, "*the psychological and cultural scars of the collapse of civilisation would last for decades*"⁵⁵. And it's far from being over (digo eu).

(iv) Uma pequena cronologia do imediato Maio

Resumamos, o mais sinteticamente possível, a cronologia, de resto bem conhecida, dos acontecimentos (prefiro: do Acontecimento) de Maio de 68. Socorro-me para isso, e por serem factos bem estabelecidos, do artigo da *wikipedia*, com mínimas alterações de redacção.

"Desencadeada por uma revolta de jovens estudantes em Paris, estendeu-se depois às classes trabalhadoras e a praticamente todos os grupos populacionais em França."

A revolta estudantil tem um primeiro momento cristizador em 22 de Março, data em que se cria o movimento do mesmo nome: espontaneista, recusa a "organização" em nome da auto-organização, privilegia a "acção directa" (ocupações), a tomada de decisão em assembleias gerais abertas a todos. Anti-autoritário, o movimento é também portador de um ideal político muito libertário no sentido das liberdades individuais e muito crítico da sociedade de consumo, do autoritarismo e do imperialismo. O movimento também abordou temas que afectam a vida quotidiana, como o direito de acesso dos rapazes às residências das raparigas e a libertação da sexualidade". Depois, o processo alastra aos meios estudantis de todo o país e, facto inédito na história dos movimentos sociais, destes para o mundo operário⁵⁶.

declaração. https://www.lemonde.fr/archives/article/1969/10/04/le-quatrieme-chant_2416345_1819218.html

54 "A arte, sobretudo depois de 1945, trabalha em torno destas noções de vazio e de amnésia. A arte torna-se amnésica, imita a amnésia, descobre-a ou apaga-a por detrás de produções monumentais.", Cécile Rousselet, "Amnésie", *Mémoires en jeu, Revue critique*, 2015. A memória dos campos de concentração levou décadas para atravessar a barreira da "amnésia voluntária".

55 Ian Kershaw 'Out of the ashes: Europe's rebirth after the Second World War, 1945–1949', *Journal of the British Academy*, 3: 167–83. DOI 10.85871/jba/003.167

56 Massificação do ensino superior: o número de estudantes universitários passa de 310.000 em 1960-61 para 851.000 em 1970-71. Em 1967-68, instalações inacabadas; Universidade de Nanterre num descampado, rodeada por

"Quarta-feira, 1 de maio:

- Os trabalhadores da Renault-Billancourt ocupam espontaneamente as suas oficinas
- a partir daí, as greves “selvagens” com ocupação multiplicam-se em toda a França, sobretudo a partir de 13 de maio. Culminam na segunda metade de Maio, com cerca de 11 milhões de grevistas, e o país paralisado."

O governo, nos chamados "Acordos de Grenelle", concede um aumento de 35% do salário mínimo ("SMIG"), mas as "assembleias gerais surpreenderam ao rejeitarem os acordos e ao votarem, durante o dia, a continuação da greve, mesmo na fábrica da Renault em Billancourt, onde a CGT obtinha tradicionalmente mais de 60% dos votos nas eleições profissionais e foi esmagada."⁵⁷

As manifestações estudantis e de trabalhadores (quase sempre separadas pelo "SO" (service de ordem) da CGT, multiplicam-se por todo o país. Os estudantes são ferozmente reprimidos. Sete mortos. No mês de Junho, De Gaulle dissolve a Assembleia Nacional; 30 de Junho, eleições, a direita obtém a maioria absoluta. Grande manifestação das direitas, os Campos Elísios inteiramente preenchidos, com a presença quase obscena da "brigada do reumatismo" à francesa.. Símbolo das feridas ainda abertas, que acima evocámos, de que padece a França dos anos sessenta, uma das primeiras decisões da nova Assembleia foi a adopção, em 24 de Julho, de mais uma lei de "amnistia para todos os factos relativos à Argélia".⁵⁸ Principal objectivo violentamente chocante: perdoar os crimes dos torcionários franceses contra as populações argelinas durante a guerra e branquear os terroristas da OAS ("Organisation de l'Armée Secrète"), militantes da "Algérie Française".

II. O que faz Maio de 68 dessa herança?

1. Mas o que foi "Maio de 1968" ?

(i) *Uma crise cultural geral*

"Maio de 68" não foi uma *revolução* política (mudança de regime ou sistema), embora se tenha *sonhado* como tal, nem social (mudança significativa das relações estruturais entre classes). Talvez tenha sido uma revolução *cultural*, porque resulta numa mudança profunda e generalizada dos valores e dos modos de vida.

"Maio de 1968" foi mais exactamente o estalar de uma crise latente de que já alinhavámos alguns elementos. Foi uma crise *societal* que vinha do período entre guerras e em parte ocultada pela segunda guerra mundial e o crescimento económico imediato pós-guerra: o mal-estar da civilização, como foi amplamente comentado acima. Em todos os textos que se referem a esse conceito, falta um adjectivo necessário: é a da civilização *ocidental* que se trata, não das (todas as) civilizações humanas.⁵⁹

Assistia-se ao "grand renversement": à crise da própria civilização. No texto já citado de Freud, lemos que "depois de viver dominado pela potência ilimitada da natureza, “[h]á, antes de mais, fontes incontornáveis do mal-estar: o excesso de poder da natureza, a obsolescência do nosso próprio corpo e a inadequação dos mecanismos que regulam as relações entre as pessoas, na família, no Estado e na sociedade. Também é verdade que “o domínio progressivo das forças da natureza contém as sementes da destruição da humanidade”.⁶⁰

bidonvilles.

57 https://fr.wikipedia.org/wiki/Mai_68 . Altero a redacção em pormenores mínimos e na ordenação dos parágrafos.

58 "A amnistia penal foi aplicada por três leis promulgadas em 23 de dezembro de 1964, 17 de junho de 1966 e 31 de julho de 1968. Estas leis amnistiam penalmente os militantes da Argélia Francesa e da Organização do Exército Secreto (OAS). A primeira “concede amnistia e autoriza a dispensa de certas incapacidades e inabilitações”, a segunda “concede amnistia às infracções contra a segurança do Estado ou cometidas em ligação com os acontecimentos na Argélia” https://fr.wikipedia.org/wiki/Amnisties_de_la_guerre_d%27Alg%C3%A9rie#cite_ref-6

59 Em vão procuraríamos os equivalentes desse movimento de auto-crítica radical na civilização árabo-muçulmana, na civilização chinesa ou japonesa, ou seja na área cultural confuciana.

60 Tricot, M. "Malaise dans la civilisation. L'œuvre au noir de la pulsion de mort." *Che Vuoi? Revue de Psychanalyse*, 28/1, 2008 pp. 31-40.

Mas a crise, ao desfazer as antigas conexões e os equilíbrios mais fundamentais, abre para profundas "mutações, ou seja, mudanças estruturais e processuais nos vários níveis de organização da vida: psicológico, social, económico, cultural".⁶¹

De facto, nenhuma outra civilização conheceu no seu seio uma contradição tão excessiva entre ela e a natureza, porque nenhuma teve, anteriormente, a capacidade técnica para se auto-destruir e com ela, as outras. Nenhuma, sobretudo, produziu uma crítica interna, uma auto-crítica tão radical. A maior parte das linhas de força do surrealismo dos anos 20-30 manifestam-se, como que intactas, em Maio 68. A diferença fundamental entre Maio 68 e os anos 1920 reside no extraordinário contágio das ideias centrais do surrealismo a um movimento de massa que atinge a classe operária e os trabalhadores em geral, muito longe do epicentro parisiense, alastramento que permaneceu, no curto prazo, incontável e deixou marcas indeléveis.

(ii) Formas, Modalidades

Nos testemunhos e análises que fui citando, que sublinham o parentesco entre as modalidades de acção de Maio de 68 com a atitude surrealista perante a vida, dois ou três temas têm especial relevo: o poder da imaginação, a importância do sonho, a centralidade do desejo.

Os slogans são por demais conhecidos. Basta citar alguns deles para ilustrar essa proximidade.

« L'imagination prend le pouvoir ! »

« Ne changeons pas d'employeur, changeons l'emploi de la vie »

« Chacun est libre d'être libre »

« Exagérer, c'est commencer d'exister »

« Cours, Camarade, le vieux monde est derrière toi ! »

« La beauté est dans la rue »;

« Soyez réalistes, demandez l'impossible »

« Le rêve est réalité »

« Prenez vos désirs pour des réalités »

« Je prends mes désirs pour la réalité car je crois en la réalité de mes désirs »

« Désirer la réalité, c'est bien ! Réaliser ses désirs, c'est mieux ! »

« Ceux qui prennent leurs désirs pour des réalités sont ceux qui croient à la réalité de leurs désirs »

« Vivre sans temps morts, jouir sans entraves ».

As modalidades de organização cindem-se de acordo com a clivagem histórica, em duas orientações quase sempre incompatíveis. Por um lado, as tendências "espontaneístas" e libertárias refletem a influência de personalidades anarquistas como J.-P. Duteuil e D. Cohn-Bendit, entre outros. Nada de organização formal, decisões tomadas em assembleias abertas a todos, táticas próximas da "guerrilha urbana" sem todavia apelo ao uso de armas (para além das que o "sistema" fornecia: pedras da calçada - os "pavés"). Esses jovens libertários "espontaneístas" eram herdeiros de uma figura maior do movimento marxista libertário e lutador precoce pela libertação sexual, Daniel Guérin, ele próprio muito presente em Maio⁶².

Por outro, proliferam os "grupúsculos" marxistas, divididos em numerosas tendências, sempre à beira da cisão interna em sub-correntes. Comunistas libertários, trotskistas, maoístas, pro-cubanos, cada uma destas denominações genéricas inclui três ou quatro variantes. Na acção há porém momentos de colaboração entre algumas, dado que o horizonte é inatingível (derrubar o "sistema")

61 René Kaes, *Le malêtre*, Paris, Dunod, 2012. <https://books.google.pt/books?id=016ZgsJx-60C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

62 Daniel Guérin, é o autor, entre outras, de duas obras que se tornaram clássicas, *Fascisme et grand capital*, Paris : Gallimard, 1936, reeditada meia-dúzia de vezes e oportunamente em 1965 e 1969; e *Rosa Luxemburg et la spontanéité révolutionnaire*, re-editado por Syllepse, Cahiers Spartacus em 1982. Daniel Guérin, oprimido pelos seus camaradas comunistas (óbvio) e até pelos libertários pela sua homossexualidade, participou na fundação do FHAR e analisa o movimento em *Essai sur la révolution sexuelle après Reich et Kinsey*, Paris, Belfond, 1969.

e as táticas de manifestação são comuns: mobilidade, agitação de preferência imprevisível, ocupação de lugares simbólicos (Sorbonne), etc.

No movimento aparecem as formas mais contraditórias que se possa imaginar, como o resvalar do ethos libertário e anti-hierárquico dos situacionistas para um dogmatismo feroz, com o Chefe Debord a excluir por sua única vontade, qualquer elemento que se lhe opusesse, incluindo companheiros da primeira hora como Raoul Vaneigem. No conjunto dos momentos fortes do movimento (manifestações, ocupações), as raparigas estão presentes, (mas nem sempre é o caso, sobretudo em situações de combate de ruas), mas são compreensivelmente minoritárias.⁶³ Marie-Jo Bonnet assinala os papéis secundários que lhes eram atribuídos (dactilografia, refeições, cafés...). Um exemplo: entre os onze "Enragés" de Nanterre, na origem, havia uma única mulher, Angéline Neveu.⁶⁴

Observado outro meio-século depois, o repúdio da civilização assente na violência industrializada entre humanos e destes sobre a "Natureza", que estava na raiz do movimento Dadaísta e depois do Surrealismo nos anos 20 inspiravam a contestação civilizacional de Maio de 68. Esse repúdio iria dar origem a uma configuração cujo núcleo central é o ódio de si próprio: uma civilização que se coloca deliberadamente à beira do suicídio.

O estalar da crise de Maio de 1968 trouxe consigo uma *constelação cultural* que transporta os germes que iriam marcar a paisagem cultural actual, outro meio-século depois, ou seja, na actualidade. Ela abrange cinco campos que se especificam a partir dessa herança: a questão dos saberes, a questão do feminino, o lugar das minorias sexuais, a questão colonial, a ecologia e a questão da arte. Que trataremos mais adiante.

(iii) O choque da queda: o fim de um sonho. Depois da euforia

A crise de Maio de 68 manifestou-se no seio do "movimento" (o conjunto de actores mais activos), como uma grande esperança: "changer la vie". Não era "mudar o mundo", como na versão crítica clássica da sociedade, mas sim "a vida". Projecto mais radical e sem dúvida mais utópico. A efervescência artística, intelectual, social e activista gerou nos protagonistas mais fortemente envolvidos uma verdadeira euforia. O fim desse momento alto foi por vezes atribuído à repressão pelo "sistema" que exerceu, decerto, uma pressão considerável sobre todos os activistas. Mas a queda dos entusiasmos deve-se em meu entender sobretudo a causas endógenas. O processo de pulverização das micro-organizações, excitada pela paixão diferencialista, decorria da própria alergia a toda e qualquer autoridade e provocava cisões e exclusões sem fim mesmo nos mais pequenos grupos. O grupo situacionista formado em redor de G. Debord, cuja capacidade de ruptura cultural e de agitação foi importante, tem ele próprio uma história que, vivida do interior, descrita por Angéline Neveu⁶⁵, ilustra de modo trágico o destino dogmático, "fanático" e "estalinista" de um grupo fundado, por princípio, no seu contrário. Mas nenhum grupo ou grupúsculo ficou indemne. O "movimento" de Maio de 68, esgotado pela própria proliferação, auto-destruiu-se na vertigem da derrota. Seguiu-se um longo período de luto, pontuado por tentativas de recomeços que se revelaram já não ter destino nem imediato nem no médio prazo por não terem âncora nas novas realidades.

Maio de 68 sonhava com o reencantamento do mundo, como os surrealistas nas ruínas da guerra. O fim, a derrota, do movimento, mergulha as consciências no seu oposto, um profundo sentimento de desencantamento. Na derrelicção das esperanças surge a tentação das armas que havia de lançar um grande número de militantes em aventuras violentas, algumas vezes criminosas e até sórdidas de

63 Para Michèle Riot-Sarcey, em 1968, « a história da insurreição declina-se no masculino ». "A palavra pública não pertence às mulheres" in *Histoire du féminisme* (Paris, La Découverte, 2002) . Marie-Jo Bonnet, 2018. *Mon MLF* (Paris, Albin Michel). Citadas por Antoine Flandrin, *Le Monde*, 7 de Maio de 2018.

64 Angéline Neveu descreve em 2008 numa bela entrevista a sua experiência com os "Enragés" e a profunda desilusão que se seguiu nos anos pós-68. <https://www.youtube.com/watch?v=PCwZXW9iyzs>

Michèle Riot-Sarcey ⁽¹⁾, em 1968, « l'histoire insurrectionnelle se décline au masculin ». « La parole publique n'appartient pas aux femmes », prévient-elle dans *Histoire du féminisme* (La Découverte, 2002)

65 <https://www.youtube.com/watch?v=PCwZXW9iyzs>

que são exemplo "Action Directe" em França, a "Rote Armée Fraction" na Alemanha, as "Brigate Rosse" em Itália⁶⁶. Outros, como R. Debray, lançavam-se na aventura armada na guerrilha guevarista na América Latina. A infiltração desses movimentos pelos diversos serviços secretos (Stasi, SDECE, CIA...) contribuía para lançá-los em acções violentas sem futuro, armadilhas de que nenhum escaparia.

Muitos dos protagonistas que evitaram a tentação das armas derivaram do social para o societal, da perspectiva de classe para a "defesa das minorias" cuja lista havia de se expandir para além do que os protagonistas de Maio poderiam sequer ter imaginado. O terreno social é abandonado aos sindicatos, o político aos partidos, embora uns como outros estivessem desde então feridos de morte, como o meio-século seguinte (até hoje) havia de tornar evidente. Subsiste, em modo subterrâneo, a forte consciência da definitiva inviabilidade do sistema político e económico. A legitimidade do próprio sistema representativo tornou-se problemática.

Maio de 68 europeu (alemão, italiano, francês) tinha um ponto cego: a Ecologia. Nisto separava-se dos movimentos exactamente contemporâneos da contra-cultura nos Estados Unidos. Edgar Morin tinha regressado com a consciência do papel importantíssimo que a Ecologia tomaria mais tarde deste lado do Atlântico, o pensamento "complexo" das relações entre Homem e Natureza. Pela minha parte, trazia um exemplar do "*Whole Earth Catalogue*"⁶⁷, manual enciclopédico para as futuras comunidades Hippies e das viagens seguintes, e textos do antropólogo Gregory Bateson⁶⁸, pedras miliares na minha formação. Por estes lados, a questão só começará a ser pensada e agida no longo processo de luto que se lhe seguiu, como veremos mais abaixo.

2. Mutações

(i) A questão do saber como poder e da verdade como relativa e contingente

É em Maio 68 que surge, sem dúvida estimulado pela "atmosfera" libertarianista do "movimento", a nebulosa pré-existente, filosófico-política dos "pós-modernismo", que se ataca ao racionalismo e não só no sentido hiperbólico da Marcha da Razão na história, mas do próprio papel da razão na comunicação entre os cidadãos (entre eles os intelectuais), na argumentação e no debate em geral. Foi contra ele que entrou em colisão directa o racionalismo temperado do Habermas da "razão comunicativa"⁶⁹. Esse "pós-modernismo"⁷⁰ impõe uma visão relativista radical da verdade que a indexa à posição de poder de quem a enuncia, contesta a referência à realidade como navalha de Ockam e propõe uma epistemologia auto-referencial (e no fundo, solipsista). Desde os anos '60 estavam lançadas as bases da "pós-verdade" que viriam a proliferar nas décadas seguintes e a impor-se no presente. Germinada em Nanterre (J-F. Lyotard, Baudrillard) e na universidade de Paris-VIII Vincennes (Foucault, Derrida, Deleuze et Guattari, etc.), essa constelação permanece durante décadas relativamente confidencial na Europa, mas terá um futuro arrasador na América do Norte sob a etiqueta de "French Theory", propagando um meme - a "desconstrução" derridiana, tornado viral pela propensão geral norte-americana para o vazio cultural. Antes de ser reimportada sob uma forma simplificada e adulterada, mas (talvez por isso mesmo) eficaz.

Como afirmava, sintomaticamente Virgínia Ferreira, socióloga feminista numa recente intervenção na Universidade de Évora (Outubro de 2024): "sob o impulso do feminismo passámos da crença que a ciência é imparcial, objectiva e falsificável" para o seu contrário. Nem imparcialidade (substituída pelo "compromisso" social), nem objectiva (com uma parte importante, indeterminada e irreduzível de subjectividade), nem falsificável, porque as verdades relativas a uma posição não

66 Ecos longínquos ams quase clones eram nos Estados Unidos os "Weathermen", os "Black Panthers", etc.

67 Ao qual havia de suceder a Revista "*CoEvolution Quarterly*" (1974-1985).

68 Depois reunidos em volume com o título "*Steps Towards an Ecology of Mind*" (1972).

69 *Théorie de l'agir communicationnel* (2 tomes, Fayard, 1987 et 1997) [original 1981].

70 O termo foi, ao que parece, forjado por J.-F. Lyotard, num livro cuja influência foi inédita para um livro de filosofia: *La Condition postmoderne. Rapport sur le savoir*. (Paris, Minuit, 1979) Lyotard crê poder detectar na nova situação da ciência "o fim das duas grandes metanarrativas modernas: a metanarrativa da emancipação do sujeito racional e a metanarrativa da história do espírito universal".

são sujeitas a refutação pelas outras)⁷¹. O "pós-modernismo", gerado há meio-século no pré- e no imediato pós-Maio de 68, depois de ter provocado um efeito de contágio nas universidades norte-americanas, regressa à base europeia, sobretudo a partir dos anos 2010 e contamina-a com a pretensão de introduzir um novo "paradigma científico" tanto mais estranho que reduz a ciência a um discurso como os outros. É óbvio, e tanto mais importante, que esse "paradigma" anti-paradigmático não infiltra apenas as questões feministas, nem apenas as ciências sociais, antes prolifera inclusive em áreas como a biologia, a medicina e até... as matemáticas!⁷²

(ii) A questão do Feminino: da igualdade de direitos entre os sexos à sua realização efectiva

Signo: Feminino ascendente

O lugar institucional do Feminino - componente antropológica central e portanto de muito longo prazo, é posto em causa em termos renovados por toda a Europa. As estruturas antigas - algumas multi-seculares (familiares, políticas, ideológicas) tinham ganho nova força, primeiro com o Código Civil napoleónico (1804) e depois frente à necessidade dos tempos de crise e de guerra. Mas em França, desde o início dos anos 60, essas estruturas sociais, culturais, psíquicas, tinham entrado em mutação acelerada. A velocidade conta. Em França depois da tardia concessão do direito de voto às mulheres em 1946, estas tinham adquirido o direito de trabalhar sem autorização prévia dos maridos (1965)⁷³. Em 1967 o Parlamento francês (Assembleia Nacional e Senado), aprovou por *unanimidade*⁷⁴ a autorização da contracepção oral ("a pílula"). Françoise Héritier considerou que essa decisão (vinda dos homens), não media as consequências ao confiar às mulheres o instrumento decisivo da sua emancipação reprodutiva. Os parlamentares não se davam, pensa F. Héritier, conta do seu alcance⁷⁵. Não sabemos. De qualquer modo, o movimento está lançado. A seguir a Maio 68, em 1972 -75, mas já pronta e por assim dizer adquirida desde antes de Maio de 68, suceder-lhe-ia a despenalização do aborto, votada também pelas câmaras legislativas com maioria de homens (96%) e da direita: as barreiras antigas desmoronam-se. E no entanto imperavam no plano institucional os conservadorismos de direita (RPR, gaullismos), e de esquerda (PS e sobretudo PCF); mas ambos viam as suas bases fragilizar-se.

Os direitos das mulheres tinham seguido um caminho ascendente desde o contexto de divisão entre "feminismos burgueses" e "marxistas" ou "socialistas", que marcou as primeiras décadas do século XX (debate sobre as prioridades, entre necessidade de aquisição imediata dos direitos cívicos, para os "feminismos burgueses" e espera pela libertação conjunta de mulheres e homens nas classes

71 "Todo o conhecimento é social e individual, é local e total (Santos, 1987) (...) abandonámos a crença na capacidade de a razão apreender a lógica essencial do funcionamento do social, já não acreditamos, aliás, que exista a Razão, a Verdade, ou a Essência Humana. Agora referimo-nos à ciência como uma leitura possível, entre outras, do real. Admite-se que os discursos, e a ciência não passa de um discurso, são todos problemáticamente referenciados à realidade, portanto, procede-se à desconstrução [sic] dos seus significados indeterminados segundo os contextos e os sujeitos. Terá que ser neste quadro de nova retórica científica que podemos analisar os discursos feministas". Virgínia Ferreira, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 24, 1988: 93-108. Sublinho.

72 "O absolutismo é deliberadamente substituído pelo relativismo cultural, como se $2 + 2 = 5$ fosse correcto desde que a situação pessoal ou a perspectiva de cada um o exigisse (White 2009, 2)". (...) Nenhum matemático ou educador são de espírito iria redefinir a adição ou qualquer outra construção matemática porque a sua 'situação pessoal' exige que seja correcta." "Does a Postmodernist Philosophy of Mathematics Make Sense? Is ' $2 + 2 = 5$ ' Correct as Long as One's Personal Situation or Perspective Requires It?" Ilhan M. Izmirlı, American University, Washington, D.C.

73 Essa norma jurídica, herdada de uma época em que o acesso feminino ao mercado do trabalho era minoritário, tornara-se caduca a partir do momento em que mais de 55% das mulheres nascidas nos anos 30 trabalhavam e as mulheres nascidas na década de 40 eram mais de 70% a ter emprego. Umas e outras eram as mulheres de 68. Fonte <https://www.ined.fr/fr/publications/editions/population-et-societes/apres-plusieurs-decennies-de-forte-progression-le-taux-d-emploi-des-femmes-commence-a-stagner-en-france/>

74 Note-se que 98% dos membros de ambas as câmaras eram homens.

75 F. Héritier, *Masculin / Féminin II. Dissoudre la hiérarchie*. Paris, Odile Jacob, 2012 (2001). Discuto essa tese em <https://umolharantropologico.wordpress.com/2023/11/06/7-emancipacao-primeira-correspondencia-para-a-antropologia/>

operárias, "socialistas"). No mesmo ano (1924) em que sai o *Manifesto Surrealista*, é publicado um decreto cuja importância tem escapado aos analistas: é dada a equivalência do ensino secundário feminino ao masculino, abrindo o *acesso das mulheres ao ensino superior*. Meio-século depois, em 1968, *pela primeira vez*, o número de candidatas ao *Baccalauréat* supera o número de candidatos. O primeiro meio-século tinha lançado as sementes, o segundo vai fazer a colheita.

Essa é precisamente a herança que, de longe e de perto, *recebe* o acontecimento de Maio de 1968. O centro do movimento secular que tento seguir é a aquisição progressiva pelas mulheres de uma igualdade cada vez mais efectiva. Primeiro os direitos cívicos (voto), os direitos sociais - acesso à educação e "a trabalho igual salário igual", reivindicação ainda muito actual, depois o estatuto familiar (fim da noção de chefe de família)⁷⁶, os direitos reprodutivos (contracepção, aborto). Conforme vimos acima. Em contraste com o passado, os movimentos feministas despoletados por Maio de 68 inauguraram um certo radicalismo centrado na sexualidade e na esfera do íntimo ("*Mouvement de Libération de Femmes*"⁷⁷ - MLF -, depois "*Ni Putes ni Soumises*", etc.). Surge nessa linha de radicalização o tema do "patriarcado", a crítica de todas as formas de "dominação masculina", o combate contra as formas de interacção Feminino/Masculino que podem exprimir assimetrias de poder, etc.⁷⁸

Paradoxos: foi no momento histórico em que - herança de Maio, no Ocidente e apenas nele - as mulheres alcançaram uma posição social largamente igual à dos homens, tanto no plano jurídico e estatutário como na prática, que os feminismos ocidentais se tornaram mais abertamente antagonistas em relação aos homens⁷⁹. Enquanto eram estes que tinham aberto as comportas da igualdade entre os sexos, são, a partir desses anos, vistos por certos radicalismos como "o inimigo" a combater.

Educação? Se até 1924 elas não tinham acesso ao ensino superior; elas são hoje maioritárias a todos os níveis.⁸⁰ Em cada três diplomados, quase dois são mulheres. Ensino? as mulheres conquistaram posições hegemónicas em todos os níveis de ensino, desde 99% no pré-primário a pelo menos 70% nos níveis seguintes e 46% (a crescer) no superior.

Emprego? Funções públicas de prestígio e poder? Onde as mulheres não tinham o direito de aceder à magistratura (Pt <1975), elas são hoje mais de 60% dos magistrados (juizes e procuradores). Mais de 60% dos médicos são médicas e mais de 70% dos enfermeiros são enfermeiras. Nas administrações públicas, os postos de responsabilidade intermédia empregam mais de 60% de mulheres e as funções superiores feminizam-se rapidamente⁸¹. No sector privado, com algum atraso, as mulheres progridem de forma significativa.

76 Em 1970, a autoridade "paterna" é substituída pela autoridade "parental" e a noção de "chefe de família" desaparece. (Lei de 4 Junho de 1970). A transmissão do patronímico (nome do pai) é virtualmente abolida, pela possibilidade de escolha entre nome do pai ou da mãe. As desigualdades persistem. Na guarda das crianças em caso de divórcio a justiça privilegia sistematicamente as mães, se bem que os pais tenham lutado contra esse facto.

77 Constituído a partir de 1967 em diversos grupos o movimento, que se inspira no *Women's Liberation Movement* norte-americano, funda primeiro um grupo misto "*Feminin, Masculin, Avenir*" (FMA), matriz do MLF, que se tinha tornado não-misto; reservado às mulheres (1970).

78 "Após as desilusões de uma revolução cultural mista, as mulheres reencenaram um Maio feminino para seu uso exclusivo. O facto é que nada poderia ter acontecido sem a longa mutação dos anos 60; para os movimentos de mulheres, Maio de 68 não foi nem o culminar de um sonho falhado, nem a sua realização, nem uma data de nascimento, foi um sonho que falhou mas que felizmente nunca foi nunca reprimido." Chaperon Sylvie, 1995. "*La radicalisation des mouvements féminins Français de 1960 à 1970*". In: *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, n°48, octobre-décembre 1995. pp. 61-74; https://www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1995_num_48_1_4423. Ver igualmente: Granjon Marie-Christine. "*Le féminisme radical français*". In: *Raison présente*, n°34, Avril-Mai-Juin 1975: 25-43; https://www.persee.fr/doc/raipr_0033-9075_1975_num_34_1_1732

79 O que não implica que não permaneçam desigualdades, só que estas são, comparadas à situação de meio-século atrás (e mais ainda, de um século atrás), consideravelmente reduzidas. E um abismo incalculável separa a condição feminina nos países de cultura europeia (Europa, América) da que impera nos países subdesenvolvidos, nomeadamente islâmicos.

80 Catherine Marry salienta que "o aumento do acesso das mulheres ao ensino superior é contínuo" e distinto do dos homens. "Na universidade, a proporção de raparigas era de 3,3% em 1900, 10% em 1914, 25% em 1930, 34% em 1960, 44% em 1968, 50% em 1980, 52% em 1985 e 55% em 1993". Em 2019 são 58%. <https://www.inegalites.fr/L-enseignement-superieur-se-feminise>

81 Quanto à problemática dos "tectos de vidro", seria demasiado complexo abordá-la aqui.

Direitos reprodutivos? A situação tornou-se estranha. Como Françoise Héritier sublinhava, a contracepção oral deu às mulheres e a elas apenas, o controlo da fecundidade. Os maridos ou companheiros não podem impedir nem impor o uso da contracepção pelas companheiras. Mais claro ainda é o fosso Feminino/Masculino no que concerne ao aborto. A mulher e só ela tem o direito de decidir se aborta ou não, qualquer que seja o ponto de vista do marido (parceiro, etc.), potencial pai. Ela pode abortar e privar de paternidade o parceiro que a desejava. Sem dúvida mais grave, ela pode decidir não abortar, escolher a maternidade, e impor a paternidade a quem a não deseja. O marido ou parceiro não tem o direito de impor o aborto (o que se tornou moralmente óbvio). Se a recusa de interromper uma gravidez resulta em conflito entre parceiros e eventual separação (divórcio, etc.), o parceiro não pode recusar a paternidade. O sentimento de desconfiança e a angústia do "engano"⁸² reportam-se maciçamente sobre os homens e deterioram as relações.⁸³ Uma realidade aceite sem que a sociedade se desse verdadeiramente conta do que acontecia entre os sexos⁸⁴. Os homens perdiam todos os privilégios legais que lhes davam posições dominantes: a *aceitação* pelos homens dessa mudança fundamental de estatuto é um facto histórico absolutamente notável, porque foi uma revolução pacífica⁸⁵. As novas tecnologias da reprodução vêm criar novas assimetrias, desta vez em sentido inverso, visto que permitem a mulheres só ("solteiras" ou em casal lésbico) engravidar utilizando um material genético masculino anónimo e gratuito, sistema que reduz o papel do homem ao de mero produtor de gâmetas. O divórcio quase imediatamente após o primeiro filho (caso frequente) é um caminho alternativo. Estratégia consciente ou não, permite à mulher ter filhos sem ficar amarrada ao respectivo pai que, após separação, em 85% dos casos, fica sem eles. E num terço dos casos o pai nunca mais os vê⁸⁶.

O Sol feminino (Die Sonne) nasce a Oeste

Os feminismos operaram uma verdadeira revolução antropológica. Que ela tenha dado lugar a um novo equilíbrio, ou desequilíbrio, é incontestável, como o é o facto que o anterior era profundamente injusto e, no âmbito da civilização europeia, insustentável. Essa revolução antropológica no Ocidente tem um carácter absolutamente original, o de ter operado - e vencido -, sem o recurso aos meios que despoletaram as anteriores revoluções sociais: manifestações de massa, violências entre manifestantes e polícias, dezenas de manifestantes mortos e feridos.⁸⁷ Era o sentido da "propensão das coisas". O conceito pedido de empréstimo a F. Jullien merece sobre esta questão precisa uma explicitação, em estilo telegráfico. Eis a tese que proponho: todas as alterações do estatuto (legal, institucional) que regulavam formalmente as relações entre os sexos na Europa sobretudo a partir do início do século XIX, enfermavam de duas inadequações. A primeira, diz respeito à violência instituinte do *Código Civil* napoleónico (1804), *inovação* cujos efeitos podem ter sido ignorados ou esquecidos.⁸⁸ A dissimetria *formal* de poder entre os sexos

82 Uma grande amiga, amiga desde há mais de sessenta anos, dizia-me com um brilho irónico nos olhos: "é tão fácil enganar um homem...". P. teve cinco filhos, pessoas maravilhosas.

83 Desenvolvi e documentei este tema em dois artigos <https://umolharantropologico.wordpress.com/2023/12/19/8-emancipacao-e-des-emancipacao-das-mulheres-contrastes/> e <https://umolharantropologico.wordpress.com/2024/01/08/9-emancipacao-igualdade-paz-ou-guerra/>

84 A análise segue a da jurista Marcela Iacub, *Penser les droits de la naissance*, Paris, PUF, coll. «Questions d'éthique», 2002. Também entrevista em Paul Costey et Lucie Tanguy "Droit, mœurs et bioéthiques. Entretien avec Marcela Iacub". *Tracés. Revue de Sciences humaines*, 14 | 2008: p. 237-257 <https://doi.org/10.4000/traces.394>

85 E. Todd faz um balanço pormenorizado da "nova condição feminina" em *Où en sont-elles ? Une esquisse de l'histoire des femmes*, Paris, Seuil, 2021.

86 "Fatherless" children, "Childless fathers", um drama ignorado. Documentei e analisei em <https://umolharantropologico.wordpress.com/2024/02/09/5-emancipacao-sem-volta-a-tras-a-crise-global-e-as-mulheres-prospectivas-materialistas/>

87 Basta recordar o custo humano da conquista pelos trabalhadores do regime de oito horas diárias, da semana de quarenta horas, das férias pagas... Foi precisa a força colectiva nas ruas para impor a patronatos e governos essas melhorias das condições de trabalho e de vida.

88 Elina Guimarães 1986. "A mulher portuguesa na legislação civil" *Análise Social*, vol. XXII (92-93), 1986-3.º-4.º, 557-577

estava em contradição com a realidade efectiva dessas relações. Na realidade prática e na maior parte dos países "atingidos" por esse Código (Portugal entre eles, 1922), o peso relativo das mulheres e dos homens na família era muito mais equilibrado do que o instituía o Código⁸⁹. A segunda é muito mais fundamental e explica *in fine* a originalidade do processo no Ocidente. É a prevalência *milenar* de sistemas familiares bi-laterais e igualitários numa vasta área cultural da Europa Ocidental⁹⁰.

A libertação feminina terá sido, examinada desde esta perspectiva, a anulação de um vasto dispositivo legal e institucional em geral que tinha sido instaurada, por assim dizer em contradição com as tendências profundas das sociedades europeias ocidentais. A ausência de violência durante processos de transformação tão importantes, o seu carácter quase evidente, decorrem do facto que se tratou da supressão de dispositivos legais "recentes" (menos de dois séculos) contrários às estruturas familiares profundas destas sociedades. Foi um "reajustamento" das normas estatutárias à realidade, presente e passada. Resulta daqui também uma pista para explicar a relativa originalidade das sociedades da Europa Ocidental e a dificuldade da exportação das transformações da condição feminina para fora delas. Se o novo ponto de equilíbrio é ou não estável, o futuro o dirá.

(iii) Outras sexualidades: minorias e variantes

Os movimentos feministas começaram a sua longa carreira reivindicando a igualdade (cívica, económica, social e cultural) entre os sexos. Na "segunda fase" e mais ainda na "terceira", é sobre a sexualidade que se concentra a reflexão e a acção. O desenvolvimento da crítica da sexualidade reprodutiva conduziu à crítica da heterossexualidade e logo ao elogio da homossexualidade feminina considerada como único meio de libertação do sistema "patriarcal"⁹¹. Causa de divisões graves entre militantes do MLF, o tema do lesbianismo deu origem à criação de movimentos dissidentes, minoritários mas dotados de grande capacidade de intervenção. Criado em 1971, o "*Front homosexuel d'action révolutionnaire*" (FHAR)⁹², iniciado pelas militantes do MLF, reúne de início homens e mulheres. Mas elas entram em dissidência por razões óbvias e criam, apenas um mês mais tarde, as "Gouïnes Rouges"⁹³(1971) e as "Pétroleuses" (Março de 1974).

Do lado dos homens, a homossexualidade, proibida, perseguida de múltiplas formas, institucionais e privadas, acede à luz do dia. A libertação que Maio pôde iniciar vai aprofundar-se rapidamente e conduzir, quatro anos apenas após Maio 68, à lei de 4 de Agosto de 1982 que despenaliza definitivamente a homossexualidade e suprime discriminações jurídicas⁹⁴.

Maio de 68 traz portanto de maneira inédita para a cena pública a questão das homossexualidades. Feminina, mas sobretudo masculina. Alguns surrealistas eram homossexuais, algumas surrealistas eram lésbicas. Mas esse tema e a reivindicação do direito a exprimir e viver a orientação sexual de cada pessoa sem censuras ou punições pouco aparecem enquanto tais no momento histórico da ruptura civilizacional dos anos 1914-18 e seguintes. Decerto, em 1924 André Gide tinha publicado *Corydon*, um elogio da homossexualidade, mas o eco dessa obra foi restrito a círculos intelectuais

89 Quanto aos conflitos conjugais, a justiça francesa teve mais de uma ocasião de ser surpreendida pela ignorância por parte dos homens dos direitos (privilégios) que o Código Civil lhes reconhecia: queixosos ou arguidos, homens e mulheres pensavam as situações e os conflitos em termos *igualitários* (Sohn 1981). Por exemplo, os maridos e as esposas ignoravam que o código civil atribuía *aos maridos* a propriedade e a gestão de todos os rendimentos da família (incluindo portanto os da esposa), donde decorria a inanidade da acusação contra o marido por açambarcamento ("roubo") dos recursos da esposa. cf. Sohn, Anne-Marie. "Les rôles féminins dans la vie privée : approche méthodologique et bilan de recherches". In: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 28 N°4, Octobre-décembre 1981. pp. 597-623. Desenvolvo em [https://umolharantropologico.wordpress.com/2023/09/26/3-emancipacoes-femininas-vistas-de-cima-vistas-de-baixo/](https://umolharantropologico.wordpress.com/2023/09/26/3-<u>emancipacoes-femininas-vistas-de-cima-vistas-de-baixo/</u>)

90 E. Todd, *L'Origine des systèmes familiaux : tome 1 L'Eurasie*, Paris, Gallimard, 2011.

91 A inanidade do uso da mesma noção de "patriarcado" para descrever as relações entre sexos no Ocidente actual - no caso em análise, em França - e no Afeganistão ou no Paquistão, é absolutamente óbvia.

92 Front Homosexuel d'Action Révolutionnaire. Ver também nota 62 sobre o papel de Daniel Guérin.

93 Para as G.R., que se consideram "as únicas feministas consequentes, a via a seguir é a renúncia total aos homens, e criar dois mundos separados e autónomos." Granjon Marie-Christine, op. cit. v. nota 71.

94 Como por exemplo o limite de idade acima do qual as relações homossexuais são "autorizadas", ou seja não são proibidas, diferentes do limite vigente para as relações heterossexuais.

parisienses e sobretudo fortemente censurado. A partir dos anos 40 e sobretudo nos anos 60-70, Jean Genet reactiva o tema da homossexualidade masculina e provoca escândalo sobre escândalo, obriga a cena literária e política francesa a confrontar-se com o tema.

Inspirado no movimento americano da "Womens' Lib" o MLF exprime algumas reticências quanto à sobre-exposição sexual das "Gouïnes" que pode, segundo as militantes MLF, ocultar os outros aspectos da condição feminina. A diferença de posições aprofunda-se. Os homossexuais masculinos são denunciados pelas lésbicas como "misóginos" - porque se desinteressam da sexualidade feminina ... e continuam "fechados no paradigma da penetração"⁹⁵.

(iv) Questões coloniais, desculpas e arrependimentos

O Surrealismo criticava asperamente a ideologia colonial (são praticamente os únicos, a par com certos movimentos libertários anarquistas, a repudiar as fantasias da expo colonial de 1931 - idem em Portugal 1940) que os partidos de esquerda e de direita aceitavam. A oposição às guerras coloniais e sobretudo à guerra da Argélia forjaram uma nova geração de militantes que iria distribuir-se pelos "grupúsculos esquerdistas" antes, durante e depois de Maio de 68. Logo a seguir, a desilusão quanto às capacidades revolucionárias das classes operárias europeias iria dar origem a um "terceiro-mundismo" que via nos imigrantes e nos povos do Sul o verdadeiro viveiro das energias revolucionárias.

À medida que a História foi sendo escrita ou reescrita, esse núcleo ideológico deriva do apoio sem reservas dos movimentos do Terceiro-Mundo (alguns deles autoritários e até totalitários) para uma auto-crítica do passado ocidental, com o cortejo que vai da denúncia à confissão dos pecados (guerras, escravatura, etc.), do arrependimento à penitência e da vontade de auto-punição às restituições e reparações coloniais⁹⁶. Num movimento historicamente (mais uma vez) único a nível mundial, o Ocidente desenvolve no meio-século pós-68 e adopta os temas que haviam de estar na origem do "movimento" agora rebaptizado "decolonial" ou "post-colonial" (nuances diferentes) e com eles os pontos de vista dos seus adversários e/ou inimigos. Dirigentes políticos declaram que a colonização foi "um crime contra a humanidade" (Macron 2022), a par com a escravatura. Os pedidos de reparação e compensação recuam até aos períodos quinhentistas. Qualquer exame objectivo da história desses factos (tantas vezes trágicos), em contexto, que recuse tanto a denegação como a falsa acusação moral retroactiva dirigida pelas novas opções ideológicas é ferozmente combatido como sendo cúmplice desses crimes⁹⁷, inclusive quando os historiadores escrupulosos os denunciam há quase um século.

O Ocidente e o personagem que é o seu tipo ideal - o homem branco heterossexual - são o inimigo a abater. De preferência no seu seio e com os recursos que eles lhes oferecem graciosamente. Num oceano - extra-europeu - de inocência.

95 Esse tema, forte no início do movimento, foi abalado pela generalização, a partir dos anos 80, do uso de "sex toys", substitutos fálicos, pelas lésbicas e não só por elas, salvo que para elas o tabu existia como núcleo ideológico central do tal "paradigma" penetrativo. A questão não era obviamente a penetração, mas a carga simbólica transportada pelo facto que na relação heterossexual é *um* que penetra *a* outra, e não há simetria.

96 Peter Sloterdijk (ver nota 4), identifica uma propensão especial do Ocidente para a confissão de pecados históricos, para os arrependimentos retrospectivos e para a auto-punição. Segundo Sloterdijk, nenhuma outra civilização enveredou por essa via. Acrescento um exemplo: perto de Ulan Bator, capital da Mongólia, uma gigantesca estátua (30 metros de altura, quarenta com o pedestal) de Gengis Khan em aço inoxidável exhibe o orgulho do povo Mongol nas façanhas históricas do seu império, construído à força de massacres de populações civis nunca igualado, de facto, antes da era industrial.

97 "Le livre d'Olivier Le Cour Grandmaison, *Coloniser, exterminer*, de vérités bonnes à dire à l'art de la simplification idéologique" Gilbert Meynier et Pierre Vidal-Naquet" revue *Esprit*, décembre 2005
<http://etudescoloniales.canalblog.com/archives/2006/05/10/2311101.html> ; Liauzu, C. (2007) . "Entre mémoires et histoire : controverses sur les enjeux du passé colonial". *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, N° 85(1), 27-32.
<https://doi.org/10.3917/mate.085.0006>.

III. O destino da herança dos herdeiros: uma radicalização global

Mas que herança deixa?

A herança que deixa constitui, na minha perspectiva, a reactivação e a reformulação de uma postura fundamental, descendente directa do surrealismo e de alguns movimentos libertários dos anos 30 que já evoquei várias vezes: a da crítica radical da civilização ocidental (e apenas dela, não das outras). Mas esta crítica, ao generalizar-se aos próprios fundamentos antropológicos da civilização europeia (e descendentes), entra numa fase de auto-destruição cujo futuro é incalculável.

(i) *Coalescências: getting woke*

Está em marcha a coagulação das temáticas anti-coloniais (onde começa por dominar o anti-racismo), feministas, sexuais, filosóficas (pós-modernismo) que dará lugar à constelação denominada "Woke" que condensa a crítica radical da civilização ocidental enquanto tal (e não só das questões sociais e económicas, anti-capitalistas, etc.).

De "aprofundamento" em radicalização e propagação, esse movimento desemboca "naturalmente" na chamada questão do "género" que invade de modo aparentemente irresistível a cultura ocidental. O desenvolvimento da nova "cultura sexual" encontra o seu prolongamento "natural" nas práticas de travestismos primeiro, no "transgenderismo" depois e por fim nos transsexualismos. A nebulosa ideológica que os analistas reúnem sob a designação de "Wokismo"⁹⁸ é herdeira directa dos movimentos de libertação das sexualidades minoritárias de Maio de 68 e do seu prolongamento imediato, tomando direcções cada vez mais variadas.

Do reconhecimento do facto que existem diversas maneiras de viver o sexo biológico, exprimindo-o ou negando-o, à valorização dos modos minoritários de expressão, e daí à negação do próprio sexo biológico, o movimento Woke põe em crise os fundamentos culturais do Ocidente, e faz do "Género" a pedra de toque dos "progressismos". A ideia que o sexo é "atribuído" (portanto resultado de decisão arbitrária), não "observado" à nascença conduz a que o sexo seja como "espectro" de múltiplas nuances e não binário contra toda a evidência biológica, contagia universidades e media⁹⁹. Sobre as ruínas da base biológica do sexo, pode então prosperar o arbitrário do "género"¹⁰⁰. Ao negar o respeito dos direitos da Criança, autorizam-se e incentivam-se práticas médicas de modificação química e cirúrgica de crianças. Com a negação da definição biológica de "mulher" ficam também pelo caminho os direitos das Mulheres. São elas que, a seguir às crianças, mais sofrem com esse movimento. Onde elas tinham espaços reservados a que estimavam ter - e tinham - direito, onde participavam em competições desportivas leais com a separação entre os dois sexos, são agora confrontadas com adversários masculinos "transgénero", desmantela-se a segurança das mulheres em instituições outrora reservadas a cada sexo, (mormente

98 Jean-François Braunstein, 2018. *La philosophie devenue folle: Le genre, l'animal, la mort*. Paris, Grasset ; John McWhorter, 2022. *Woke Racism. How a New Religion Has Betrayed Black America*. Swift Press; Jean-François Braunstein, 2023. *La religion woke*. Paris, Grasset.; Nathalie Heinich, 2023. *Le Wokisme serait-il un totalitarisme ?*. Paris, Albin Michel.

99 Daí resulta o aparecimento da lista interminável das variantes dos "géneros", consequência lógica do facto que o "género" é um fenómeno puramente subjectivo, que varia indefinidamente entre indivíduos (o limite da lista é o número de seres humanos vivos num momento dado).

100 O síndrome da "Gender dysphoria" (agora "gender incongruence"), contradição entre o sexo biológico e a identidade sexual, deixa de ser visto como uma doença psíquica e é defendido como um fenómeno subjectivo legítimo, por analogia com a redefinição da homossexualidade, não como patologia mas como fenómeno normal quanto à orientação sexual. O paradoxo é que essa "disforia", sendo "normal", torna-se apesar disso candidata "legítima" a tratamentos químicos pesados de bloqueamento, nas crianças pré-púberes, da puberdade. Seguem-se, a idades pré-adultas (14-15 anos), amputações cirúrgicas de seios, pénis, testículos. No novo mercado da cirurgia plástica proliferam as clínicas especializadas que passam em vinte anos de algumas unidades a centenas, nos EUA. Operam-se "vaginoplastias", "faloplastias", em trágicas, porque impossíveis, tentativas de mudança de sexo. Triunfo do *fake*. Não posso dar aqui a ampla documentação disponível, por óbvia falta de espaço.

nas prisões) e são as mulheres que se vêem privadas dessas medidas de defesa da sua segurança e da justiça em função das diferenças sexuais¹⁰¹.

(ii) Ecologias

Limitar-me-ei a mencionar o ecologismo, pouco presente na ideologia difusa de Maio de 68, que começou timidamente nos anos 70 e havia de progredir lentamente para se manifestar de modo autónomo a partir da decepção dos militantes com a acção política "tradicional" e atingir uma certa importância política nas décadas de oitenta e seguintes. O nascimento da ecologia pós-Maio de 68 foi precisamente isso: um refúgio para os trânsfugas da revolução perdida que, ao contrário dos que escolheram "a via das armas", foram os pioneiros da nova relação com a Natureza. A importância que assumiu a problemática ecológica, que quem tivesse estado atento podia datar do Relatório Meadows - "*Limites do crescimento*" (1972)¹⁰², tomada de consciência que pouco ou nada deveu a Maio de 68 onde a questão ficou na margem dos movimentos. A crise ecológica tornou-se óbvia e depois central a partir da primeira crise do petróleo (1973-1974), na esteira da mundialização acelerada das economias com as profundas transformações dos aparelhos produtivos e dos equilíbrios políticos nas antigas "metrópoles". Uma "injecção" de realidade que começou por suscitar reacções alérgicas e continua a ser inassimilável, salvo nas retóricas.

(iii) A questão da arte

Nota rápida sobre a questão da arte, que assumia um lugar central no movimento surrealista, a par com a literatura. A "doutrina" surrealista, mais ou menos presente nos "manifestos" e em numerosas intervenções públicas dos protagonistas assentava na busca do acesso às zonas profundas do psiquismo, na exigência de liberdade total do artista, tanto frente às censuras externas como às restrições internas, do artista no acto criativo. Enquanto *visão* o surrealismo considerava que o que definia fundamentalmente a arte e a poesia surrealistas¹⁰³ era a própria *atitude*, mais que qualquer prescrição normativa, estilística ou formal. Os surrealistas defrontavam-se com a questão da validação e mais concretamente, da valorização dos "produtos", poemas ou obras plásticas. A regra era não admitir julgamentos externos de instâncias cuja legitimidade por princípio contestavam; não aceitar participar em exposições "oficiais" e ainda menos aceitar os seus prémios ou galardões. A intenção era desde o início construir uma barreira contra a comercialização e o mercado da arte e contra a contaminação do acto artístico pelo cálculo do valor mercantil. Para dizê-lo rapidamente, o problema colocou-se muito cedo. O "caso" Dali mostrava como as forças centrífugas eram poderosas. Dali, que se inventou um pseudónimo mais ou menos anagramático destinado a escarnecer a ascese surrealista, "Avida Dollars", foi o primeiro a sair do círculo. Entre os surrealistas franceses no exílio na América do Norte durante a segunda guerra mundial, alguns haviam de captar o ambiente cultural americano, cujo parâmetro principal é o dinheiro e a relação com o mercado¹⁰⁴. O exemplo de Marcel Duchamp é o equivalente do primeiro Dali¹⁰⁵ no segundo pós-guerra. Entre "arte pobre", importação para a cena da arte de objectos comprados no mercado

101 "Violence against women and girls, its causes and consequences. Violence against women and girls in sports, Note by the Secretary-General" 27 August 2024. https://documents.un.org/doc/undoc/gen/n24/249/94/pdf/n2424994.pdf?utm_source=substack&utm_medium=email

102 Meadows, Donella H; Meadows, Dennis L; Randers, Jørgen; Behrens III, William W (1972). *The Limits to Growth; A Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind*. New York: Universe Books. Traduzido em português (Brasil) em... 2007, 35 anos mais tarde.

103 A recusa do julgamento "estético" e por conseguinte da procura do "Belo", viria a engendrar o seu contrário, logo que o "surrealismo" se ornou modo de produção de objectos indeterminados: a "estética do feio", ressuscitada de Hegel a Rosenkranz. Como se os mercados apenas tivessem afinidade particular pelas funções simples de imitação ou inversão.

104 A "relação perigosa" entre os surrealistas e o comércio das artes está precisamente documentada por Julia Drost et. al., "*Le surréalisme et l' argent*", dans: Drost et al. (ed.), *Le surréalisme et l' argent*, Heidelberg: arthistoricum.net 2021, p. 10-44, <https://doi.org/10.11588/arthistoricum.612.c10902>.

105 Que também teve um sucesso comercial disparatado nos EUA.

(os famosos "ready made"), desafio sarcástico à bajolice de públicos e críticos de arte capazes de engolir qualquer parvoíce, de que o famoso urinol é a exacta ilustração, desde que trouxesse a assinatura do "artista" e... tivesse uma tabuleta com o respectivo preço. A este jogo, o êxito de Duchamp enquanto artista-homem de negócios foi incomparável. Como o "original" (o primeiro urinol que foi comprado no comércio e exposto) foi deitado para o lixo (que, seja dito entre nós, era o lugar onde pertencia), pelo pessoal (indemne ao snobismo parolo da "elite") que desmontou a exposição e se perdeu, Duchamp mandou fabricar sete cópias ao mesmo industrial da cerâmica¹⁰⁶. Uma delas foi vendida há pouco por quase dois milhões de dólares. As restantes estão avaliadas em 3,6 milhões¹⁰⁷. Transformado em fórmula de produção automática de mercadorias "artísticas", caricatura monstruosa da "escrita automática" das origens, nomeadamente pela "Pop Art", o "surrealismo" desvitalizado tornou-se um ingrediente de enfeite das "obras". Não sei se devemos resignar-nos a aceitar a profecia de André Breton: "Toutes les idées qui triomphent courent à leur perte." (*Manifeste*, 1924). Se a sua refundação de raiz é possível ou não, é uma incógnita. Como prolongamento perverso do "vale tudo" que Maio tinha defendido em registo lúdico e até onírico, a "arte contemporânea" inundou galerias e museus de verdadeiras torrentes de lixo¹⁰⁸, como afirmava Jorge Martins nos seus *Cadernos*¹⁰⁹. O surrealismo tinha reivindicado a liberdade criativa, tinha recusado o filtro de qualquer julgamento "estético" no acto criativo. A ambivalência da sua crítica da noção mesma de "arte" (e do "Belo") enquanto actividade institucionalizada, "oficial", portanto "burguesa", conjugada com a reivindicação da tese (retomada com paixão pelos situacionistas), que a verdadeira arte é a vida. Mas essa tese levava ao apagamento da fronteira entre a criatividade pura (fosse mesmo na "vida" e não na "obra") e a produção de objectos: textos, desenhos, pinturas, objectos, etc. que a exprimem, que a actualizam. Com base nesse iconoclasmo, a arte contemporânea extrapola, ignorando o essencial: se não há critério, tudo é arte. Ou seja, nada o é, salvo, nas novas condições, perante os mercados. É arte o que vale dinheiro, "grande arte" o que vale muito dinheiro. Nunca os "enragés" de Maio de 68 teriam imaginado semelhante "sucesso": a mercantilização radical da arte.

Conclusão: o século dos grandes desastres em dois meios-séculos

O tema principal devia ser o das "heranças" de Maio de 68 e foi. Mas para entender o rasto - a herança - de Maio julguei necessário examinar primeiro a herança que Maio de 68 recebeu do meio-século que o precedeu. Encontrei um ponto de apoio na coincidência, não fortuita, da celebração dos cinquenta anos da Revista *"A Ideia"*, com o assinalar dos cem anos do *Manifesto Surrealista* de 1924. No desespero do primeiro pós-guerra, nas trevas do desencantamento do mundo, o surrealismo tentou encontrar uma via possível para uma vida possível do espírito europeu. Com a investigação do sonho, do inconsciente, a libertação da Imaginação finalmente levada a sério, a busca do "maravilhoso", o surrealismo tentava um reencantamento do mundo. Crise económica, segunda guerra, Auschwitz e Hiroxima demonstraram, hélas! que a tragédia e o desencanto em vez de se dissiparem, se adensavam. Maio de 68, por surpresa e como contradizendo o que o sombrio meio-século havia destruído, transportava uma nova tentativa de reencantamento do mundo, herdeiro, nisto, do Surrealismo que vinha morrer aos seus pés. Maio de 68 terá sido (até ao momento), a última tentativa radical, colectiva, pública, de "mudar a vida", libertar o desejo e a criatividade, criar um mundo onde viver plenamente fosse possível. Em vez disso, o carácter

106 Mas não se esqueceu de comprar o molde e os direitos sobre eles, não fosse o industrial produzir milhares de "urinóis duchamp".

107 <https://www.ellsberg.com/100-million-urinal>

108 Por vezes, lixo no sentido próprio, conteúdo de latas de recolha de lixo das ruas das cidades, sem falar dos excrementos humanos, em enormes peças expostas ou enlatados (Manzoni). Latas de 30g merda de Manzoni a valerem hoje 160.000\$ cada uma no leilão da Sotheby's (2007). <https://www.ellsberg.com/100-million-urinal>

109 Jorge Martins, 2022. *Cadernos/Cuadernos*. Óscar Alonso Molina e MARCO, Museo de Arte Contemporânea de Vigo Editor.

libertador, promotor da abolição dos constrangimentos, foi de par com a destruição dos próprios fundamentos nos quais essa criação pudesse apoiar-se. A crítica radical da civilização ocidental guiada pela visão construtivista (tudo é construção social, portanto tudo é arbitrário) enveredou pela sua consequência lógica, o "desconstrucionismo" totalizante. Onde todas as sociedades se fundam e funcionam numa rede de padrões culturais e de estruturas sociais, todos eles são considerados "estereótipos" a desconstruir. Sexos, famílias (seja qual for o seu tipo), saber, verdade, beleza, tudo deve ser liquidado. Visto que coerência e racionalidade em geral são "instrumentos de opressão", nada se opõe a que novos estereótipos compósitos que têm a imbecilidade de se ignorarem enquanto tais, quimeras mais ou menos monstruosas, repovoem os desertos recém-criados nas culturas. A "desconstrução" derridiana reprocessada segundo os padrões americanos tornou-se afinal na vontade de destruição, melhor e menos eufemística tradução da "abbau" do Heidegger ("*Die Destruktion*") que Derrida vendeu ao mundo como sua forma sofisticada e pseudo-profunda. A verdadeira lição do segundo meio-século (1968-2024) no centenário do Surrealismo, é a eclosão da paixão auto-destrutiva do Ocidente, fenómeno único no mundo actual (e provavelmente no passado). Self-hatred, ódio de si próprio, um vírus cultural. A crítica desse movimento "desconstrucionista" foi largamente abandonada pela esquerda tetanizada em proveito da direita reaccionária. A situação de crise interminável que vivemos desde então corresponde à extraordinária velocidade com que as mudanças das bases antropológicas da civilização ocidental se produziram em apenas meio-século. É tentador aproximar essa aceleração da mudança antropológica das sociedades ocidentais, com a "*Grande Aceleração*" tecno-económica que tem lugar desde o fim dos anos 1950, identificada em 2004 por W. Steffen e colegas¹¹⁰ e desde então sobejamente documentada, tanto mais facilmente quanto os seus parâmetros foram confirmados e os efeitos se tornaram cada vez mais óbvios, mesmo para públicos alargados.

A questão que está, como dizíamos dantes, na ordem do dia, é a seguinte:

O que é uma *crítica de esquerda*¹¹¹ dessa situação / desse movimento cultural? Como fazer o necessário "balanço" civilizacional do Ocidente? O que deve ser eliminado, e o que deve ser preservado? Será que algo deve mesmo ser preservado? Não posso ser asceta ao ponto de esconder que penso que sim, muito há a preservar.

Não são precisas muitas precauções para sublinhar a imensidão dessa tarefa que só pode ser obra colectiva a cargo de um grande número de espíritos. Felizmente, o mundo actual, no meio das ruínas de passados que se esvaem sem passar e nos assombram, é povoado por constelações de focos inumeráveis de pensamento e de criatividade. Nunca, note-se fortemente, a humanidade possuiu tão grande número de talentos tão diversos, empenhados, muitos deles na sombra, na reconstrução de um mundo onde seja possível viver, não apenas sobreviver. Livres da tentação das grandes Utopias que nos levaram invariavelmente ao desastre, a reconstrução só pode ela própria seguir a "propensão das coisas"¹¹² tal como o presente no-las ensina, muitas vezes de maneira críptica. Trata-se de permitir que as ordens parciais saiam, ordenadas, como não pode deixar de ser, apenas em parte, da desordem. Regresso às linhas de força que os últimos cem anos teceram, não puderam cortar e propiciam, a teia do eterno tear: a liberdade de Criação, a reabilitação da Imaginação, a plena integração do Feminino como o outro meio-mundo que é, e muito faltou, numa associação equilibrada com o Masculino, uma verdadeira justiça social e uma relação renovada com a Natureza, que obriga a retomar do início, uma vez mais, a questão do lugar da Técnica. Simbioses, ou, como queriam Breton e companheiros, a resolução das oposições radicais e da

110 Will Steffen et al. "The trajectory of the Anthropocene: The Great Acceleration". *The Anthropocene Review*, 1 –18 March 2015. DOI: 10.1177/2053019614564785.

111 Arrisco uma definição: uma crítica que vela pela preservação das liberdades individuais enquanto mantém como princípio director a questão do *comum*, do interesse dos "outros" e em particular do mais vulneráveis dos nossos contemporâneos e da defesa da biodiversidade sem a qual a Humanidade está condenada. Contra os totalitarismos que esmagam o indivíduo e contra os ultra-liberalismmos que tornam cada um o inimigo de todos os outros.

112 François Jullien, *La propension des choses. Pour une histoire de l'efficacité en Chine*, Paris, Seuil, 1992. Só é "eficaz", diz F. Jullien, segundo a filosofia chinesa, a acção que acompanha a "propensão das coisas", que é ao mesmo tempo leque de possibilidades e direcções oferecidas.

reunião dos opostos, entre realidade e sonho, arte e vida, masculino e feminino, humanidade e natureza, em novos "assemblages complexes" como os que defende Edgar Morin... há mais de meio-século.

José Rodrigues dos Santos, Évora, Novembro de 2024